

Um dos romances fundadores da moderna literatura nigeriana, *O mundo se despedaça* foi publicado originalmente em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria. Seu autor, Chinua Achebe, é um dos maiores escritores africanos da atualidade.

A história se passa em Umuófia, a aldeia mais temida da Ibolândia, terra do povo ibo, e o personagem central é o bravo lutador Okonkwo, um dos respeitáveis patriarcas da comunidade. Mas seu mundo, de repente, começa a ruir. Por razões internas, ligadas a rígidos códigos tribais, ele cai em desgraça dentro de sua própria tribo, e, logo em seguida, tem de lidar com uma nova e inesperada força: o colonizador branco. Esse contato, a princípio caracterizado apenas por um certo estranhamento, com o tempo vai se tornando francamente conflituoso e dramático.

"Chinua Achebe é um escritor mágico - um dos maiores do século XX."

Margaret Atwood

"Uma imaginação vívida ilumina cada página. [...] Um romance que enxerga a vida tribal de um ponto de vista interno, genuíno."

*Times Literary Supplement*

Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva

Introdução de Alberto da Costa e Silva

ISBN 978-85-359-1550-1



9 788535 915501

CHINUA ACHEBE  
O MUNDO SE DESPEDAÇA



# O MUNDO SE DESPEDAÇA

CHINUA ACHEBE

COMPANHIA  
DAS LETRAS



COMPANHIA DAS LETRAS

CHINUA ACHEBE

O mundo  
se despedaça  
*Romance*

*Tradução*

Vera Queiroz da Costa e Silva

*Introdução e glossário*

Alberto da Costa e Silva

*1ª reimpressão*



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1958 by Chinua Achebe  
Todos os direitos reservados

*Crafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Things Fall Apart

*Capa*  
Marcos Kolther

*Foto de capa*  
G. I. Jones  
Foto reproduzida com a permissão do Museu de Arqueologia & Antropologia da  
Universidade de Cambridge (N°71604 G1)

*Preparação*  
Maria Cecília Caropreso

*Revisão*  
Carmen S. da Costa  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Achebe, Chinua  
O mundo se despedaça : romance / Chinua Achebe : tradu-  
ção Vera Queiroz da Costa e Silva ; introdução e glossário Alberto  
da Costa e Silva. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Things Fall Apart.  
ISBN 978-85-359-1550-1

1. Romance inglês — Escritores africanos I. Silva, Alberto  
da Costa e. II. Título.

09-09282 CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura africana em inglês 8:3

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

## Sumário

Introdução: Este livro de Chinua Achebe — Alberto da Costa  
e Silva, 7  
O mundo se despedaça, 17  
Glossário, 233

## Introdução

# Este livro de Chinua Achebe

*Alberto da Costa e Silva*

Se perguntado sobre o livro em que mais se reconhece, é muito provável que um ibo responda: *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe. Não que se trate de um livro perfeito, acrescentará. Mas há obras imperfeitas que se tornam clássicas, criam um modelo, determinam caminhos. Como este *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, que serve de fundação a grande parte do romance nigeriano contemporâneo.

Nele, narra-se o começo da desintegração de uma cultura, com a chegada, ao mundo fechado que lhe protegia a unidade de valores, do estrangeiro com armas mais poderosas, e de pele, costumes e ideias diferentes. E conta-se a história de um homem que se fez forte no adubo íntimo da fraqueza e a quem o medo de ser débil finalmente derrota.

Assim era o mundo ibo — principia Achebe. Ele não nos descreve, contudo, uma idade de ouro, apesar da nostalgia com que a rememora. Nem idealiza como igualitária, coesa e solidária uma sociedade sem reis e senhores de sangue, mas com escravos e párias (os *osus*), marcada por intenso individualismo e

sentido de competição, hierarquizada por um sistema de títulos honoríficos a que só tinham acesso os ricos e bem-sucedidos, e governada minuciosamente por um conjunto de regras a cujo rigor e ferocidade ninguém podia escapar.

Os ibos têm sua pátria no sudeste da Nigéria, ao norte do delta do Níger e ao sul do Benué, numa larga faixa que vai do sudoeste do Níger até as águas do rio Cross. Seus vizinhos ao norte são os igalas e os idomas; a oeste, os binis; a leste, os ecóis e os efques; ao sul, os ibíbios e os ijós. As tradições colocam a fonte da nação ibo na área de Nri-Awka e dizem que a principal rua de Nri é a rua dos deuses, e que por ela transitam, a caminho da terra dos espíritos, todos os que morrem em outros lugares da Ibolândia.

Se, na orla da região ocupada pelos ibos, conheceram eles a monarquia — como em Onitsha e em Aboh, por influência do reino do Benim, e a noroeste, por contaminação igala —, na maior parte da Ibolândia predominou um sistema social baseado nos laços familiares, no clã e na linhagem, um sistema em que existe grande correspondência entre a proximidade do parentesco, a da moradia e a dos deveres coletivos. Os parentes próximos são vizinhos do lado e parceiros de todas as atividades comunitárias. A parentela mais distante pode viver em outra aldeia e só se reunir com seus familiares em ocasiões especiais.

O poder político apenas se esboçava na influência dos anciãos e chefes de linhagens, na força dos oráculos, na atividade conciliadora, judicante e punitiva das sociedades secretas de mascarados (que personificavam os espíritos dos ancestrais da aldeia), nos grupos de idade, no escalonamento dos títulos honoríficos.

Nesse sistema de títulos estava a semente de uma oligarquia, pois somente aqueles cujos roçados produziam muito e tinham condições de ceder inhames a outros, para que os plantassem (num regime semelhante ao da meação), disputavam de su-

ficientes reservas em seus celeiros para com elas adquirir nos mercados os bens que os ijós, os ibíbios e outros ibos faziam chegar em suas canoas — o sal, o peixe seco, os facões, o tabaco, as espingardas, a pólvora, os caldeirões de ferro ou cobre. Só eles podiam favorecer os familiares e os amigos, e criar ao seu redor uma numerosa clientela, dar as grandes festas com as quais se construíam fama e prestígio, e, finalmente, ter acesso aos mais altos títulos da aldeia.

Um homem de algumas posses obinha com facilidade o grau mais baixo na hierarquia de títulos. Para subir de posição, era obrigado a despende, a cada novo passo, maiores recursos. E só os ricos podiam aspirar ao elevado título de *ozo* ou *ogbuefi*.

Os títulos traziam consigo o direito a certos sinais exteriores de distinção: a tornozadeira, o bastão, o tamborete, que indicavam os homens de mérito, numa sociedade em que todos buscavam o êxito e na qual o malogro não recebia a compreensão da grei. Os reverses de um homem podiam ter raiz em seus antepassados e se prolongar em seus descendentes. E tão forte era o sentimento de que a cada um cumpria realizar um grande destino, que, na época do tráfico negro, por exemplo, raro era o ozo tomado como escravo. Quando tal sucedia, a vítima quase sempre se suicidava.

Achebe não nos deixa ignorar que a harmonia predominante nos vilarejos ibos também tinha suas fraturas. Fraturas que o homem branco, ao chegar, logo identificou em seu proveito. Havia na aldeia os que se perguntavam, no silêncio de si mesmos, se seriam realmente justas as ações que exigiam os deuses. E havia os incapazes de êxito. Como Unoka, o tocador de flauta, na pobreza de cuja casa nasceu Okonkwo, o herói do livro, um herói a respeito de quem poderiam ser repetidas as famosas palavras que Aristóteles dedicou a Édipo: não era essencialmente bom nem justo; e, no entanto, não foi por maldade ou vilania

intrínsecas que ele caiu em desgraça, mas, sim, por um erro de julgamento, ao dialogar com os deuses do alto de sua posição e de sua prosperidade.

Okonkwo vestia as roupagens de todas as virtudes ibos. Seu braço direito era forte e seu espírito guardião, ou *chi*, parecia conduzi-lo a um grande futuro. Nós o acompanhamos a cuidar laboriosamente de suas roças, a encher seu celeiro, a construir sua casa masculina, ou *obi*, e a ali colocar os deuses lares e o seu *ikenga* — a imagem de madeira que simboliza tudo aquilo que era só dele, intransferivelmente dele em sua pessoa e que nada devia aos pais ou antepassados. Nós o vemos erguendo as habitações de suas mulheres, os galinheiros e as demais cabanas de seu *compound* — aquele pedaço de terra redondo e cercado por um muro de barro, muro cuja matéria de que é feito (argila, varas, esteira, pedra) varia de região para região na África, mas por toda a parte concentra, resguarda e protege a comunidade familiar.

Na semiobscuridade de seu *obi*, Okonkwo sonha um destino. E o sonha como recusa à imagem paterna do Hautista maldrião e imprevidente que a aldeia foi abandonar na Floresta Maldita, para ali morrer sozinho e execrado. Tenazmente, Okonkwo transforma em realidade esse sonho. Faz-se grande plantador de inhames, obtém os títulos que lhe dão lugar entre os juizes seculares do clã, e espalha seu renome de grande lutador pelas nove aldeias em que se confina o universo. Para além delas, só a vaga ideia do grande rio, o Níger.

Esse mundo é pequeno, mas nele estão os deuses. E todos os atos humanos são respostas a gestos das divindades e confirmam ou alteram o curso da natureza. Como se cada indivíduo e o grupo fossem, ao mesmo tempo, correspondêveis com os deuses pela fecundidade da terra e dos animais e pela sucessão harmoniosa das estações. Por isso, tudo o que se aparta das leis que os ancestrais impuseram — ancestrais que, sob máscaras e roupas de rá-

fa, continuam entre os vivos, a zelar pela incolumidade das regras e dos costumes — deve ser lançado fora, na Floresta Maldita, reservada às abominações, aos gêmeos, aos doentes de inchaço, aos *ogbanjes*, ou crianças perversas, que nascem para logo depois morrer e de novo nascer dos mesmos ventres, causando às mães o terrível suplício de saberem que terão de perder, nascimento após nascimento, interminavelmente, o mesmo filho.

Porque se alongava no tempo que foi e no que havia de vir a ser, a vida parecia eterna no pequeno espaço da aldeia ibo, dessa Umuófa onde tudo se tinha por perfeitamente regulado e imutável.

O que nos descreve Achebe em nada discrepa das recordações de um menino num vilarejo ibo da metade do século XVIII, tal como aparecem em *The interesting narrative of the life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African*. Os rapazes e as moças, num e no outro texto, noivam e se casam segundo as mesmas cerimônias; é idêntica a configuração dos *compounds*; não se mudou o modo de vestir; a vida flui com os mesmos gestos e os mesmos provérbios. Não falta sequer, na prosa de Olaudah, como na de Achebe, a chegada escurecedora das nuvens de gafanhotos.

O ex-escravo que escreveu *The interesting narrative* diz-nos que a gente de sua aldeia não sabia do mar nem do homem branco. O mesmo se passava em Umuófa, onde o homem da cor do giz e sem artelhos — porque usava sapatos — era um ser lendário e improvável. No entanto, desde havia muito o europeu chegara à costa, e dele provinham muitas coisas a que os ibos se haviam acostumado: a mandioca, o fâcão, a arma de fogo, o rapé. Era como se o homem branco já se encostasse ao mundo ibo, que em breve, sob seu peso, viria abaixo.

Umuófa ignorava tudo isso. Como também não pressentia que, dentro de um Okonkwo carregado de violência, arrogância

e fúria, corresse o terror de ser fraco. Foi, contudo, o enraivecer do medo o que levou o grande homem a afrontar os deuses, ao agredir, na Semana da Paz, uma de suas mulheres. E foi o pavor de ser tido por débil o que o fez ser o sacrificador de um adollescente que o chamava de pai. Embora Achebe não afirme isto de modo explícito, sempre que uma flauta soava, Okonkwo se enchia de medo. ...

A inevitável *nêmesis* não se seguiu, porém, a nenhum desres insultos à harmonia da vida. Tomou, inexplicável e inesperadamente — não fosse Okonkwo um herói trágico —, a forma da morte acidental de um rapazola, durante o festivo enterro do mais idoso membro de Umuófia.

O involuntário causador da desgraça foi obrigado ao desgredo. Desterrado na aldeia natal de sua mãe, Okonkwo voltou a sonhar um novo destino: o de reaver o lugar entre os seus e ascender entre eles a uma posição ainda mais alta. Os deuses, entretanto, não mais podiam atendê-lo, pois o tempo dos deuses também já se escoava. O homem branco chegara a Umuófia.

Para esse homem branco, apesar de sua fé absurda, de suas leis incompreensíveis e de seu comportamento irracional, logo accorream os que não tinham posto na vida da aldeia, os intocáveis e desprezados *osus*, as mulheres que jamais aceitaram a condenação à morte dos filhos gêmeos, todos aqueles que sofriram uma ordem social que parecia imutável, que dela desconfiavam ou, secretamente, mais por impulso do coração do que do pensamento, discordavam. Junto ao intruso branco foram assentar-se o desprezado, o ressentido, o inquieto, o rebelde, o sonhador. E também os que nele viam a possibilidade de vitória pessoal, num esquema de existência distinto daquele em que haviam fallado, e que, por ambição ou desejo de segurança, se transformaram nos sipaios da nova ordem.

Entre os catequizados estava um filho de Okonkwo, Nwoye,

de insubmissa dúvida, cujos ouvidos sempre pareceram rasgar-se com o choro das crianças abandonadas na floresta. Para Okonkwo, que vira desabarem, no regresso a Umuófia, todas as esperanças de continuar a vida onde a deixara antes do exílio, não apenas o mundo que conhecera e herdara se desmoronava, mas, com a adesão do filho ao estrangeiro, desfazia-se também a própria certeza da eternidade. Pois seu espírito só sobreviveria à morte se seus filhos e netos e os filhos e netos de seus netos fizessem, no altar familiar, sacrificios em sua memória. Por isso, se a apostasia de Nwoye lhe tirava um filho, a perspectiva de que a religião do homem branco ganhasse a sua gente correspondia ao horror da morte sem descendência.

O europeu instalara-se no vilarejo, com sua crença e suas leis, e com as armas para impô-las. Tão distante era a sua cultura da cultura ibo, que entre elas o único aperto de mãos possível era aquele da queda de braço, no qual, se prolongado, um dos contendores tem necessariamente de ceder ao outro. Ao branco, o comportamento da gente de Umuófia parecia insensato e bárbaro; o europeu, para o ibo, procedia como um homem fora da razão, a cometer, por isso, todo tipo de execrações. “Como permitir”, perguntava o ibo, “que se mate a jiboia sagrada? Como deixar sem castigo quem tirou a máscara de um dos ancestrais?” E o europeu, por sua vez, indagava: “Como consentir que se retalhe o corpo de uma criança morta?”.

O mundo se despedaça descreve apenas dois momentos em que um dos antebraços toca a mesa. Da segunda vez, quase a exaurir a resistência do adversário mais fraco. O livro termina, porém, quando começa a verdadeira história do desmoronar e da transformação da cultura ibo. De um modo de vida cuja forma tradicional Achebe perpetua na história de Okonkwo, de Obierika, de Ekwefi e Ezinma, da gente que andava sob as árvores de Umuófia e do desconhecido disfarçado em divindade.

Eis o dia a dia de uma aldeia ibo. Aqui estão as mulheres a pilar o inhame, os homens a contar bazóifas ou a refazer a cobertura das cabanas, as crianças a voltar do rio, com potes d'água na cabeça. Tudo fez-se permanentemente pela palavra escrita: gestos, usos, maneiras de ser, de sentir e de pensar, formas de trabalho, de jogo e de festa, o que se escoa entre o acordar e o dormir, a chuva e o estio, o preparo da terra e a colheita.

Achebe é um contador de histórias. Na melhor tradição dos ibos, povo que ama a eloquência, que tem o dom da palavra no mais alto conceito, que sabe jogar com ela, embora de modo repetitivo, como o prova o gosto que tem pelos provérbios.

É certo que o autor de *O mundo se despedaça* algumas vezes abdica do estilo conciso e direto para cair nas repetições, na frase feita, na metáfora gasta, no lugar-comum. Disso pronto se reergue, quando põe suas personagens a dialogar, ou quando simplesmente narra, como se falasse em voz alta, quase a sentir, nos seus melhores momentos, a reação emocionada do leitor, e a dela tirar partido, contendo ou ampliando a frase, aguçando os verbos, modulando os adjetivos, esticando o episódio ou tornando-o mais tenso. E então sua prosa dança.

Este livro é a evocação daquele instante em que o povo ibo saiu de seu isolamento para o doloroso diálogo com o resto do mundo, da segurança de uma fechada unidade para as dúvidas, os abalos, as perplexidades e as confrontações de um universo mais vasto, por meio da dura experiência do domínio estrangeiro. Mas este livro só existe porque Umuófa ingressou num império. Porque seus valores puderam ser descritos e traduzidos na língua do conquistador e, assim, tirar uma impressentida desforra.

A história não é boa nem má — parece dizer-nos Achebe. Nascermos dela, de seus sofrimentos e remorsos, de seus sonhos e pesadelos. E porque somos inapelavelmente como ela nos moldou, Chinua Achebe escreve em inglês, é cidadão de uma Nigé-

ria criada pelo colonizador e, embora nos fale comovidamente de Umuófa e lastime o destino de seu povo e a desintegração de seu jeito de vida, sente, lá no fundo do coração — ao contrário de um ibo de antanho —, mais piedade pelo pai, o velho tocador de flauta, do que pelo filho. E se deste se condói, não é apenas porque Okonkwo tombou desamparado do alto da grandeza, mas porque passou a vida a iludir o medo.



O MUNDO SE DESPEDAÇA

*“O falcão, a voar num giro que se amplia,  
Não pode mais ouvir o falcoeiro;  
O mundo se despedaça; nada mais o sustenta;  
A simples anarquia se desata no mundo.”*

*W. B. Yeats, “O segundo advento”*

---

PRIMEIRA PARTE

---

## 1.

Toda a gente conhecia Okonkwo nas nove aldeias e mesmo mais além. Sua fama assentava-se em sólidos feitos pessoais. Aos dezoito anos, trouxera honra à sua aldeia ao vencer Amalinze, o Gato, um grande lutador, campeão invicto durante sete anos em toda a região de Umuófia a Mbaino. Amalinze recebera o apelido de o Gato porque suas costas jamais tocaram o solo. E foi ele quem Okonkwo derrotou, numa luta que, na opinião dos mais velhos, fora das mais renhidas desde a travada, durante sete dias e sete noites, entre o fundador da cidade e um espírito da floresta.

Os tambores rufavam. As flautas cantavam. Os espectadores prendiam a respiração. Amalinze tinha uma destreza manhosa, mas Okonkwo era tão escoregado quanto um peixe dentro d'água. Todos os nervos e todos os músculos estufavam em seus braços, em suas costas e em suas coxas, e quase se podia ouvi-los a se distenderem como se fossem arrebentar. Finalmente, Okonkwo derrubou o Gato.

Isso se passara havia muitos anos, vinte anos ou mais, e de lá para cá a fama de Okonkwo crescera qual incêndio na mata no

tempo do *harmatã*. \* Era um homem alto, grandalhão, a quem as sobranceiras espessas e o nariz largo davam um ar extremamente severo. Sua respiração era forte, pesada, e dizia-se que, quando dormia, suas mulheres e filhos podiam ouvi-lo ressonar, mesmo das casas ao lado. Ao caminhar, seus calcanhares quase não se apoiavam no solo — parecia andar sobre molas, como se estivesse prestes a saltar sobre alguém. E, na verdade, com frequência ele investia sobre as pessoas. Sofria de uma leve gagueira e, quando se zangava e não conseguia pronunciar as palavras que desejava com suficiente rapidez, costumava, em vez delas, usar os punhos. Não tinha paciência com os homens que falhavam. Não tinha paciência com o próprio pai.

Unoka — este o nome de seu pai — morrera havia dez anos. Fora sempre preguiçoso e imprevidente, incapaz de pensar no dia de amanhã. Se por acaso lhe vinha ter às mãos algum dinheiro, coisa que raramente acontecia, logo o gastava com cabações de vinho de palma, e chamava os vizinhos para com ele se divertir. Costumava dizer que, sempre que olhava para a boca de um morto, percebia a loucura de não se comer o que se podia enquanto se estava vivo. Unoka era um permanente devedor: devia dinheiro a todos os vizinhos — desde apenas alguns cauris até quantias bastante elevadas.

Era um homem alto, porém muito magro e ligeiramente encurvado. Tinha uma expressão abatida e funérea, que só se alterava quando bebia ou tocava a sua flauta. Tocava flauta muito bem, e sua maior felicidade era quando, duas ou três luas após a colheita, os músicos da aldeia despenduravam os instrumentos da parede por cima do fogão. Unoka tocava com eles, o rosto iluminado de bem-aventurança e paz. Algumas vezes, gente de outras aldeias convidava o grupo de Unoka e seu dançarino *egwu-*

\* Ver glossário no final do livro. (N. E.)

*gwu* para irem lá passar uma temporada ensinando suas músicas. Unoka e seus amigos aceitavam esses convites, permanecendo junto aos hospedeiros durante três ou quatro mercados, a fazer música e a banquetear-se. Unoka apreciava a boa vida e o bom companheirismo, e gostava daquela estação do ano em que as chuvas já haviam cessado e o sol nascia todas as manhãs com uma beleza estonteante. Não fazia então muito calor, porque o frio e seco *harmatã* soprava do norte. Certos anos, o *harmatã* era muito rigoroso, e uma densa névoa cobria a atmosfera. Então, velhos e crianças sentavam-se ao redor das fogueiras acesas para aquecer os corpos. Unoka amava tudo isso, e amava também os primeiros gaviões a retornarem com a estação seca, e a menina da que os recebia com canções de boas-vindas. Lememorava a própria infância, lembrava como tantas vezes perambulara pela aldeia procurando com os olhos uma dessas aves a singrar vagarosamente no céu azul. Tão logo a avistava, punha-se a cantar com todo o seu ser, a dar-lhe as boas-vindas, após a longa, longa viagem, e a perguntar-lhe se trouxera, de volta à casa, alguns metros de tecido. \*

Mas disso — ele era então um garoto — tinham-se passado muitos anos. O adulto Unoka era um derrotado. Pobre, sua mulher e filhos quase não tinham o que comer. As pessoas riam dele, porque era um vadio, e juravam nunca mais emprestar-lhe dinheiro, porque não pagava o que devia. Unoka, porém, era tão jeitoso, que sempre conseguia mais dinheiro emprestado, e ia acumulando dívidas.

Certo dia, um vizinho chamado Okoye foi visitá-lo. Unoka estava reclinado numa cama de barro, em sua choça, tocando

\* O tecido simboliza a história do povo africano; certos tecidos têm significados especiais: na tradição *peul*, por exemplo, um tecido dobrado significa o passado. (N. T.)

flauta. Levantou-se imediatamente para cumprimentar Okoye, que desenrolou a pele de bode que trazia sob o braço e nela se sentou. Unoka foi até o quarto interior\* e, de volta, trouxe um pequeno disco de madeira, com uma noz de cola, um pouco de pimenta e um pedaço de giz branco.

— Tenho cola — anunciou ele, sentando-se e passando o disco ao visitante.

— Muito obrigado. Quem traz cola traz vida. Mas acho que você é quem deve parti-la — retrucou Okoye, estendendo o disco de volta.

— Não, cabe a você parti-la.

E discutiram durante alguns instantes, até que Unoka aceitou a honra de romper a noz de cola. Enquanto isso, Okoye, com o giz, desenhava algumas linhas no chão. Depois, pintou de branco o dedão do pé.

Ao mesmo tempo que partia a cola, Unoka rezava aos ancestrais, pedindo-lhes vida, saúde e proteção contra os inimigos. Depois de terem comido a noz, os dois homens conversaram sobre muitas coisas: as pesadas chuvas que alagavam os inhames, a próxima festa em honra aos antepassados, a iminente guerra contra a aldeia de Mbaino. Unoka sentia-se sempre infeliz quando se mencionavam as guerras. Era um covarde e não suportava ver sangue. Mudou de assunto, e enquanto falava sobre música, seu rosto se iluminava. Com os ouvidos da mente, conseguia escutar os excitantes e intrincados ritmos do *ekwe*, o tambor falante, do *udu*, a botija de barro de cuja boca, com um abano, se retira um som cavo, e do *agogô*, bem como sua própria flauta, a se entretecer com a percussão, enfeitando-a com melodia plangente e colorida. O efeito geral era alegre e animado, mas, se se isolasse

\* Na habitação ibo, há duas divisões: o quarto da frente, ou exterior, e o de trás, ou interior. (N. T.)

o som da flauta, que subia e descia, para depois romper-se em breves intervalos, nele se poderia perceber tristeza e dor.

Okoye também era músico. Tocava o *agogô*. Mas não era um fracassado como Unoka. Possuía um amplo celeiro cheio de inhames e tinha três mulheres. Agora ia receber o título de *Ide-mili*, o terceiro mais elevado daquela terra. Era uma cerimônia dispendiosa, e ele estava procurando reunir todos os recursos de que dispunha. Essa era, na verdade, a razão pela qual viera visitar Unoka. Limpou a garganta e disse:

— Muito obrigado pela cola. Você deve ter ouvido falar do título que pretendo receber dentro em breve.

Até aquele momento, Okoye se expressara de maneira simples, mas a meia dúzia de frases seguintes tomou a forma de provérbios. Entre os ibos, a arte da conversação é tida em alto conceito, e os provérbios são o azeite de dendê com o qual as palavras são engolidas. Okoye era um grande conversador e falou durante muito tempo, dando voltas em torno do assunto até finalmente abordá-lo. Em resumo, pedia a Unoka que lhe devolvesse os duzentos cauris que lhe emprestara havia mais de dois anos. Não logo este percebeu aonde o amigo queria chegar, estourou em gargalhadas. Riu alto, durante muito tempo, de modo claro como o *agogô*, e tinha lágrimas nos olhos. O visitante, espantado, continuou sentado, sem fala. Afinal, Unoka conseguiu dar-lhe uma resposta, entremeadas de novas explosões de riso.

— Olhe para aquela parede — disse, apontando para o muro ao fundo de sua choça, que fora estregado com terra vermelha até rebrilhar. — Olhe para aquelas marcas de giz.

Okoye viu vários grupos de traços curtos e perpendiculares, riscados a giz. Havia cinco grupos, e o menor tinha dez traços. Unoka, que possuía senso dramático, fez, então, uma pausa. Aproveitou para cheirar uma pitada de rapé e espirrar ruidosamente. E prosseguiu:

— Cada grupo daqueles representa uma de minhas dívidas com alguém, e cada traço corresponde a cem cauris. Veja você: eu devo àquele homem mil cauris. Mas ele não veio me acordar de manhã, pedindo seu dinheiro de volta. Paguei o que lhe devo, Okoye, mas não hoje. Nossos mais velhos dizem que o sol brilhará sobre os que permanecem de pé, antes de brilhar sobre os que se ajoelham. Paguei minhas dívidas maiores primeiro.

E cheitou outra pitada de rapé, como se aquilo fosse pagar as dívidas maiores primeiro. Okoye enrolou sua pele de bode e partiu.

Uhoka morreu sem receber um só título e com dívidas pesadíssimas. É de admirar, portanto, que seu filho Okonkwo se envergonhasse dele? Felizmente, entre esse povo, um homem era julgado por seu próprio valor, e não pelo valor do pai. Okonkwo era um indivíduo decididamente talhado para grandes coisas. Ainda jovem, adquirira a fama de ser o melhor lutador das nove aldeias. Agricultor abastado, possuía dois celeiros cheios de inhame e acabava de desposar a terceira mulher. Para coroar tudo isso, recebera dois títulos e dera mostras de incrível bravura em duas guerras. Por esses motivos, embora ainda fosse jovem, Okonkwo já era considerado um dos maiores homens de seu tempo. Seu povo respeitava a idade, mas reverenciava os grandes feitos. Como diziam os mais velhos, se uma criança lavasse as mãos, poderia comer com os reis. Okonkwo claramente lavara as mãos e, por isso, comia com os reis e com os mais velhos. E assim foi que veio a tomar conta do rapazola oferecido em sacrifício à aldeia de Umuófia por seus vizinhos, a fim de evitar a guerra e o derramamento de sangue. O desditoso rapaz chamava-se Ikenmetuna.

## 2.

Okonkwo acabara de apagar a lâmpada de óleo de palma e de se deitar na cama de bambu, quando ouviu o agogô do pregoeiro da cidade perfurando a atmosfera tranquila da noite. *Guin, gom, guin, gom* — soava o oco metal. Depois, o pregoeiro transmitiu sua mensagem e, ao terminá-la, voltou a tocar o instrumento. E esta era a mensagem: pedia-se a todos os moradores de Umuófia que se reunissem na praça do mercado na manhã seguinte. Okonkwo ficou imaginando o que estaria acontecendo de errado, pois tinha a certeza absoluta de que algo ruim estava sucedendo. Discernira na voz do pregoeiro uma clara tonalidade de tragédia, e continuava tendo a mesma sensação à medida que a voz se tornava cada vez mais indistinta na distância.

A noite estava muito calma. Eram sempre calmas, exceto as noites de lua cheia. A escuridão inspirava um vago terror nessa gente, mesmo nos mais corajosos. As crianças eram advertidas de que não deviam assobiar à noite, por causa dos espíritos malignos. Os animais perigosos tornavam-se ainda mais sinistros e estranhos na escuridão. Uma cobra nunca era chamada pelo

nome, à noite, pois ela poderia ouvir. Era chamada de cordão. E assim, nessa determinada noite, à medida que a voz do pregoeiro ia sendo gradualmente engolida pela distância, o silêncio retornava ao mundo, um silêncio vibrante, que se fazia mais intenso com o trilo universal de milhões de insetos na floresta.

Se fosse noite de luar, seria tudo diferente. Então, se ouviam as vozes alegres da garotada brincando pelos campos abertos. E talvez aqueles que já não eram tão crianças estivessem se divertindo, aos pares, em lugares menos expostos; e as mulheres e os homens mais idosos estariam lembrando a juventude. Como dizem os ibos: “Quando a lua está brilhando, o aleijado anseia por um passeio a pé”.

Mas essa noite em especial estava escura e silenciosa. E em todas as nove aldeias de Umuófa um pregoeiro com seu agogô pedia a cada um dos habitantes que estivesse presente ao encontro da manhã seguinte. Okonkwo, em sua cama de bambu, tentava imaginar qual seria a natureza da crise — guerra contra um clã vizinho? Essa parecia ser a hipótese mais provável, e ele não tinha medo da guerra. Era homem de ação, homem de guerra. Ao contrário do pai, era perfeitamente capaz de ver sangue. Durante a última guerra de Umuófa, fora o primeiro a trazer para casa uma cabeça humana. Era sua quinta cabeça; e ele ainda não era velho. Nas grandes ocasiões, como o funeral de alguma celebridade da aldeia, bebia o vinho de palma no primeiro crânio que cortara.

Na manhã seguinte, a praça do mercado estava repleta. Uns dez mil homens deviam estar reunidos ali, todos falando em voz baixa. Finalmente, Ogbuefi Ezeugo ergueu-se do meio deles e bradou quatro vezes:

— *Umuófa kwenụ?* Povo de Umuófa, estamos de acordo?

A cada berro, ele se voltava para um lado diferente e parecia dar murros no ar com o punho cerrado. E todas as vezes dez mil

homens respondiam *Yai!* (Sim!). Ogbuefi Ezeugo era um orador poderoso e, por isso, sempre escolhido para falar em ocasiões semelhantes. Passou a mão por seus cabelos brancos e coçou a barba branca. Depois, ajeitou o pano que lhe passava por baixo da axila direita e se amarrava por cima do ombro esquerdo.

— *Umuófa kwenụ?* — clamou pela quinta vez, e a multidão gritou em resposta. Então, de repente, como um possuído, estendeu a mão esquerda e apontou em direção a Mbaino, dizendo entre os dentes firmemente cerrados:

— Esses filhos de animais selvagens ousaram assassinar uma filha de Umuófa.

Baixou a cabeça com violência e riu os dentes, permitindo que um murmúrio de fúria reprimida brotasse da multidão. Quando começou a falar, a raiva desaparecera de seu rosto e, em seu lugar, pairava uma espécie de sorriso, mais terrível e mais sinistro do que o ódio. E, com voz clara e destituída de emoção, contou ao povo de Umuófa como a filha deles fora ao mercado em Mbaino e ali a tinham assassinado. Essa mulher, disse Ezeugo, era a esposa de Ogbuefi Udo, e apontou para um homem sentado perto dele, de cabeça baixa. Então, todos gritaram, com raiva e sede de sangue.

Muitos outros falaram, e no fim decidiu-se seguir o curso normal de ação. Um ultimato foi imediatamente enviado a Mbaino: que escolhessem entre a guerra ou a oferenda de um rapaz e de uma virgem, como compensação.

Umuófa era temida por todas as aldeias vizinhas. Era poderosa na guerra e na magia, e seus sacerdotes e curandeiros infundiam terror nas redondezas. Seu mais potente feitiço de guerra era tão antigo quanto o próprio clã. Ninguém sabia ao certo quão antigo ele era. Mas num ponto todos concordavam: o princípio ativo desse feitiço fora uma unha de uma perna só. De fato, o feitiço chamava-se *agadi nwayi*, ou seja, mulher velha.



Tinha seu altar erguido no centro de Umuóña, numa clareira. E se alguém fosse suficientemente tolo e temerário para passar diante desse altar após o crepúsculo, decerto veria a velha permeita pulando por ali.

Os clãs vizinhos, que naturalmente sabiam dessas coisas, temiam Umuóña e jamais guerreariam contra ela sem primeiro tentar um acordo pacífico. E para que se faça justiça a Umuóña, é preciso registrar o fato de que o clã jamais fora à guerra sem que tivesse razão para isso, razão clara e justa e aceita como tal pelo oráculo — o Oráculo das Colinas e das Grutas. E, na verdade, houve ocasiões em que o Oráculo proibira Umuóña de travar guerra. Se o clã tivesse desobedecido ao Oráculo, certamente teria sido derrotado, porque seu temível *agadi nwayi* jamais participaria naquilo que os ibos chamam “uma luta culposa”.

Mas a guerra que agora tinham diante de si era uma guerra normal. Até o inimigo sabia disso. E assim, quando Okonkwo chegou a Mbaino, na qualidade de orgulhoso e poderoso emissário de guerra, foi tratado com a máxima honra e todo o respeito. Dois dias depois, voltou à sua aldeia com um rapazola de quinze anos e uma virgem. O nome do jovem era Ikemefuna, cuja triste história ainda hoje se conta em Umuóña.

Os anciãos, ou *ndichie*, reuniram-se para ouvir o relatório da missão de Okonkwo. No final, decidiram, tal como todos sabiam de antemão, que a moça seria dada a Ogbuefi Udo para substituir a esposa assassinada. Quanto ao rapazinho, pertencia a todo o clã e não havia pressa em decidir seu destino. Okonkwo foi, então, encarregado de cuidar do garoto, em nome do clã. Por isso, durante três anos, Ikemefuna morou com a família de Okonkwo.

Okonkwo governava a família com mão pesada. Suas esposas, principalmente as mais jovens, temiam constantemente seu

temperamento violento, assim como os filhos menores. Talvez, no fundo do coração, Okonkwo não fosse um homem cruel. Mas toda a sua vida era dominada pelo medo, o medo do fracasso e da fraqueza. Era um medo mais profundo e mais íntimo do que o medo do mal, dos deuses caprichosos e da magia, do que o medo da floresta e das forças malignas da natureza, de garras e dentes vermelhos. O medo de Okonkwo era maior do que todos esses medos. Não se manifestava externamente; jazia no centro de seu ser. Era o medo de si próprio, de que afinal descobrissem que ele se parecia com o pai. Mesmo quando menino pequeno, magoara-se com o malogro e a debilidade do pai. E ainda agora lembrava-se do quanto havia sofrido quando um companheiro de brinquedos lhe dissera que seu pai era *agbala*. Foi então que aprendeu que *agbala* não era apenas outra palavra para mulher, mas também significava homem que nunca recebera título algum. Foi assim que Okonkwo se viu dominado por uma paixão: odiar tudo aquilo que seu pai, Unoka, amara. Uma dessas coisas era a doçura e a outra, a indolência.

Durante a época do plantio, Okonkwo trabalhava todos os dias nos seus roçados, desde o primeiro cantar do galo até que as galinhas se recolhessem. Era um homem muito forte e raramente sentia fadiga. Mas suas esposas e filhos pequenos não eram tão fortes e, por isso, sofriam. Não ousavam, contudo, queixar-se do trabalho abertamente. O primogênito de Okonkwo, Nwoye, tinha na época doze anos, mas já provocava grande apreensão no pai, por sua incipiente preguiça. Essa era a impressão que sua atitude dava ao pai, que procurava corrigi-lo com pancadas e críticas incessantes. Dessa forma, Nwoye crescia e se tornava um jovem de rosto tristonho.

A prosperidade de Okonkwo era visível em seu lar. Possuía um amplo *compound*, com várias habitações rodeadas por um grosso muro de terra vermelha. Sua própria casa, ou *obi*, erguia-se

imediatamente atrás da única porta existente no muro vermelho. Cada uma de suas três esposas tinha uma morada própria e o seu conjunto formava uma espécie de meia-lua por trás do obi. O celeiro fora construído de encontro a uma das extremidades do muro vermelho, e altas pilhas de inhamme erguiam-se dentro dele, com ar próspero. No extremo oposto do *compound* havia um barracão telhado para os bodes, e cada esposa mandara construir, junto à sua morada, um galinheiro. Perto do celeiro havia uma pequena edificação, a “casa dos feitiços”, ou relicário, onde Okonkwo guardava as imagens de madeira de seu deus pessoal e dos espíritos dos antepassados. Adorava-os, oferecendo-lhes sacrifícios de noz de cola, comida e vinho de palma, e dirigindo-lhes preces por si próprio, por suas três mulheres e seus oito filhos.

Assim, quando a filha de Umuófia foi assassinada em Mbaino, Ikenefuna foi morar na casa de Okonkwo. Ao chegar em casa, naquele dia, Okonkwo mandou chamar sua mulher mais velha e lhe confiou o rapaz:

— Ele pertence ao clã. Por isso, cuide bem dele.

— Ele vai ficar muito tempo conosco? — ela perguntou.

— Faça o que lhe mandam, mulher — explodiu Okonkwo, acrescentando, a gaguejar: — Desde quando você se tornou um dos *ndichie* de Umuófia?

E então a mãe de Nwoye levou Ikenefuna para a sua choga. E não fez mais perguntas.

Quanto ao rapazola, estava morto de medo. Não conseguia compreender o que lhe estava acontecendo, nem o que fizera. Como poderia saber que seu pai havia sido responsabilizado pelo assassinato de uma filha de Umuófia? Sabia apenas que alguns homens tinham ido à sua casa, conversado com seu pai em voz baixa e, depois, tinham-no levado para fora e o entregado

a um estranho. Sua mãe chorara amargamente, mas ele ficara estarecido demais para chorar. Então, o estranho os conduziu, a ele e a uma jovem, para um lugar muito, muito longe de casa, através de solitários atalhos na floresta. Não sabia quem era a moça, e jamais tornou a vê-la.

Okonkwo não recebera o empurrão inicial na vida, ao contrário de tantos outros jovens. Não herdara um celeiro de seu pai. Não existia celeiro para herdar. Contava-se a história, em Umuófia, de como seu pai, Unoka, fora consultar o Oráculo das Colinas e das Grutas para saber por que sua colheita era sempre miserável.

O Oráculo era chamado de Agbala, e as pessoas vinham de longe e de perto consultá-lo. Vinham quando o infortúnio lhes batia à porta, ou quando tinham uma disputa com os vizinhos. Vinham para descobrir o que o futuro lhes reservava ou para consultar os espíritos de seus antepassados.

O caminho para se chegar ao santuário era um buraco re-dondo no flanco de uma colina, pouco maior do que a abertura de um galinheiro. Os devotos e aqueles que vinham em busca da sabedoria do deus tinham de arrastar-se de barriga no chão, para poder atravessar o tal buraco e chegar à presença de Agbala, em num espaço escuro e enorme. Ninguém jamais vira Agbala, ex-

ceto sua sacerdotisa. \* Mas nenhum daqueles que se arrastaram para dentro do terrível santuário dali saíra sem o temor do poder do Oráculo. Sua sacerdotisa ficava de pé, perto do fogo sagrado, que ela própria acendera no coração da caverna, e proclamava a vontade do deus. O fogo era um fogo sem chamas. Os troncos incandescentes apenas serviam para iluminar de modo vago a sombria figura da sacerdotisa.

Algumas vezes um homem vinha consultar o espírito do pai ou de um parente que falecera. Dizia-se que, quando o espírito se revelava, o homem o divisava vagamente na escuridão, porém jamais ouvia a sua voz. Algumas pessoas diziam até ter ouvido os espíritos voar e bater as asas contra o teto da gruta.

Há muitos anos, quando Okonkwo ainda era menino, seu pai, Unoka, fora consultar Agbala. Naquele tempo, a sacerdotisa era uma mulher de nome Chika. Estava cheia do poder de seu deus e era muito temida. Unoka ficou de pé diante dela e come-gou sua história.

— Todos os anos — disse ele, abatido — antes de colocar uma só semente na terra costume sacrificar um galo a Ani, a deusa da terra. É a lei dos nossos pais. Também sacrífico um galo no altar de Ifejioku, o deus dos inhames. Limpo o mato e lhe toco fogo, quando está seco. Planto os inhames depois da primeira chuva e os escoro, quando as gavinhas novas começam a aparecer. Capino as ervas dani...

— Cale-se! — gritou a sacerdotisa, com uma voz terrível,

\* Na África tradicional, com sua organização comunitária, não se pode falar em religião propriamente dita, pois todos os atos do dia a dia se relacionam com o conceito da força vital que anima os seres humanos: assim, o culto concerne a todos. Com a centralização do poder, quando do surgimento da cidade-Estado ou em decorrência de rupturas internas da própria sociedade, como no caso da sociedade ibo, surge a figura de um responsável pelo culto, sacerdote ou sacerdotisa, que não tem atributos divinos. (N. T.)

que ecoava no escuro vazio. — Você não ofendeu nem os deuses nem seus ancestrais. E quando um homem está em paz com os deuses e com seus antepassados, sua colheita será boa ou má, conforme a força de seus braços. Você, Unoka, é conhecido em todo o clã pela fraqueza de seu machete e de sua enxada. Enquanto seus vizinhos vão com seus machados derrubar as matas virgens, você planta inhames nas terras exaustas, que não dão trabalho algum para limpar. Seus vizinhos cruzam sete rios para fazer seus roçados; você fica em casa e oferece sacrifícios por um solo cansado. Vá para casa e trabalhe como homem!

Unoka era um homem infeliz. Tinha um mau *chi*, ou deus pessoal, e a má sorte o perseguia até o túmulo, ou melhor, até sua morte, pois ele não teve túmulo. Morreu do inchaço que era uma abominação para a deusa da terra. Quando um homem sofria de inchaço do estômago ou dos membros, não lhe era permitido morrer em casa. Levavam-no para a Floresta Malig-na e lá o abandonavam para morrer. Contava-se a história de um homem muito teimoso, que voltou para casa cambalando e teve de ser carregado de volta para a floresta, onde o amarraram a uma árvore. A doença era uma abominação para a terra e, por isso, a vítima não podia ser enterrada em suas entranhas. O doente morreu e apodreceu por cima da terra e não lhe fizeram enterro, nem de primeira, nem de segunda. Tal foi o destino de Unoka. Quando o levaram, carregou consigo a flauta.

Com um pai como Unoka, Okonkwo não teve o empurrão inicial na vida, que muitos jovens têm. Não herdou celeiro, nem título, nem sequer uma jovem esposa. Mas, apesar dessas desvantagens, começara, ainda em vida do pai, a estabelecer as fundações de um futuro próspero. Fora um processo lento e penoso. Okonkwo, porém, se atirara a ele como um possesso. E, na verdade, estava possuído pelo medo da vida desprezível de seu pai e de sua vergonhosa morte.

\* \* \*

Havia um homem abastado, na aldeia de Okonkwo, que possuía três imensos celeiros, nove mulheres e trinta filhos. Seu nome era Nwakibie, e ele recebera o segundo dos mais elevados títulos a que um homem podia aspirar no clã. Foi para esse homem que Okonkwo trabalhou, a fim de ganhar os primeiros inhames que pôs na terra como semente.

Levou uma cabaga de vinho de palma e um galo para Nwakibie. Dois vizinhos idosos foram chamados, e dois dos filhos mais velhos de Nwakibie também estavam presentes em seu *obi*. Okonkwo apresentou uma noz de cola e uma pimenta, que foram passadas ao redor, para que todos vissem, e depois lhe foram devolvidas. Rompeu a noz, dizendo:

— Todos nós viveremos. Oremos pela vida, pelas crianças, por uma boa colheita e pela felicidade. Vocês terão o que for bom para vocês, e eu o que for bom para mim. Deixemos pousar o gavião e deixemos a garça pousar também. Se um disser não ao outro, que sua asa se parta.

Depois que comeram a noz de cola, Okonkwo trouxe o vinho de palma, que deixara num canto da habitação onde estava sentado, e pousou a cabaga no centro do grupo. Dirigiu-se então a Nwakibie, chamando-o de “nosso pai”.

— *Nna ayi* — disse ele. — Trouxe-lhe esta pequena cola. Como nosso povo costuma dizer, um homem que presta homenagem aos grandes pavimenta o caminho de sua própria grandeza. Vim prestar-lhe homenagem e também pedir-lhe um favor. Mas, primeiro, bebamos o vinho.

Todos agradeceram e os vizinhos tiraram seus chifres de beber de dentro das sacolas de pele de bode que traziam. Nwakibie dependurou dos cabros o que era seu. O mais moço dos filhos, que também era o mais jovem do grupo, foi até o centro do cô-

modo, levantou a cabeça, apoiando-a sobre o joelho esquerdo, e começou a servir o vinho. O primeiro a receber a bebida foi Okonkwo, que deveria prová-la antes de qualquer outro. Depois, todos beberam, a começar pelo homem mais velho. Quando dois ou três chifres haviam sido tomados, Nwakibie mandou virem suas mulheres. Algumas não estavam em casa e somente quatro apareceram.

— Anasi não está em casa? — perguntou-lhes. Elas responderam que Anasi estava vindo. Anasi era a primeira mulher e as demais não podiam beber antes dela. Ficaram, por isso, à espera que chegasse.

Anasi era uma mulher de meia-idade, alta e forte. Havia autoridade em sua postura, e ela aparentava, nos mínimos detalhes, ser realmente quem governava o mulherio de uma grande e próspera família. Trazia a tomzeleira que representava os títulos de seu marido e que somente a primeira esposa podia usar.

Encaminhou-se até Nwakibie e aceitou o chifre que ele lhe ofereceu. Depois, dobrou-se sobre um dos joelhos, bebeu um pouco e devolveu o recipiente. Ergueu-se, chamou-o pelo nome e voltou para sua choça. As outras mulheres beberam da mesma maneira, na ordem apropriada, e foram embora.

Os homens continuaram a beber e a conversar. Ogbuefi Idigo falava do sangrador de vinho de palma, Obiako, que repentinamente abandonara a profissão.

— Deve haver alguma coisa por trás disso — argumentou, limpando a espuma de vinho do bigode com as costas da mão esquerda. — Deve haver alguma razão para semelhante atitude. Um sapo não costuma correr durante o dia sem motivo.

— Alguns dizem que o Oráculo avisou Obiako de que ele corria o risco de cair de uma palmeira e se matar — falou Akukalia.

— Obiako sempre foi um sujeito estranho — acrescentou Nwakibie. — Ouvi contar que, há muitos anos, pouco depois de

seu pai morrer, Obiako foi consultar o Oráculo. E este lhe disse: “Seu falecido pai deseja que você lhe sacrifique um bode”. E vocês sabem o que Obiako respondeu ao Oráculo? “Pergunte a meu pai se ele teve uma ave sequer quando estava vivo.”

Todos riram gostosamente, exceto Okonkwo, que deu um riso meio sem graça, porque, como diz o ditado, mulher velha sempre fica um pouco sem graça quando se mencionam ossos secos num provérbio. Okonkwo estava se lembrando de seu próprio pai.

Afinal, o rapaz que estivera servindo o vinho ergueu um chifre cheio até a metade de uma borra branca e espessa e declarou:

— O que estamos tomando está terminando.

— Já notamos — replicaram os outros.

— Quem vai beber a borra? — indagou o rapaz.

— Quem quer que tenha uma tarefa em mãos — falou Idiogo, olhando para o filho mais velho de Nwakibie, Igwedo, com um brilho malicioso nos olhos.

Todos concordaram que Igwedo deveria beber a borra do vinho. Ele aceitou do irmão o chifre cheio até a metade e bebeu-o. Como dissera Idiogo, Igwedo tinha realmente uma tarefa em mãos, porque desposara sua primeira mulher havia um mês ou dois. A borra espessa do vinho de palma era considerada muito aconselhável aos homens que iam dormir com suas mulheres.

Depois que beberam o vinho, Okonkwo contou a Nwakibie suas dificuldades.

— Vim procurá-lo — disse — porque preciso de seu auxílio. Talvez o senhor já esteja adivinhando do que se trata. Limpei uma roça, mas não posso inhames para plantar. Sei o que significa pedir a um homem que confie em outro, quando se trata de seu inhamé, principalmente nos dias de hoje, em que os jovens têm medo do trabalho duro. Eu não tenho medo de trabalho. O

lagarto que conseguiu pular do alto da árvore para o chão disse que se elogiaria a si próprio, se ninguém mais o fizesse. Eu comecei a me defender numa idade em que a maioria das pessoas ainda está mamando o leite da mãe. Se o senhor me der alguns inhames para plantar, prometo não decepcioná-lo.

Nwakibie limpou a garganta.

— Fico muito satisfeito em ver um rapaz como você nos dias que correm, em que a juventude está se tornando mole demais. Muitos rapazes têm vindo pedir-me inhames, mas tenho me recusado a ajudá-los porque sei que se contentariam em enterrar os tubérculos no chão e deixá-los ali, até serem asfixiados pelas ervas daninhas. Quando lhes digo que não, pensam que sou um sujeito de coração duro. Mas não é bem assim. Eneke, o pássaro, diz que, desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a pontaria, ele, o pássaro, aprendeu a voar sem pousar. Eu aprendi a ser sovina com os meus inhames. Porém, posso confiar em você. Basta olhar para seu rosto para saber disso. Como dizem nossos antepassados, pode-se descobrir que uma espiga de milho está madura só pelo seu aspecto. Eu lhe darei duas vezes quatrocentos inhames. Pode ir preparando o seu rogado.

Okonkwo agradeceu uma e outra vez, e foi para casa feliz. Tinha a certeza de que Nwakibie não lhe negaria ajuda, mas não esperava que viesse a ser tão generoso. Não imaginara que fosse conseguir mais do que uns quatrocentos inhames. Agora, teria de preparar um terreno maior. Tinha a esperança de conseguir mais outros quatrocentos inhames com um amigo de seu pai, em Isiuzo.

Como meiro agrícola, era preciso percorrer um demorado caminho até se chegar a construir um celeiro próprio. Depois de muito trabalho árduo, só se tinha direito a um terço da colheita. Mas, para um jovem cujo pai não possuía inhames, não havia outro caminho. E no caso de Okonkwo as coisas ainda se torna-

vam piores pelo fato de ele ter de sustentar a mãe e as duas irmãs com os magros resultados da colheita. E sustentar a mãe também significava sustentar o pai. Não se poderia pretender que ela cozinhasse e comesse, enquanto o marido morria de fome. E, assim, numa idade muito nova, enquanto lutava desesperadamente para construir um patrimônio como meiro, Okonkwo tinha também de sustentar a casa de seu pai. Era como jogar grãos de milho dentro de um saco cheio de buracos. A mãe e as irmãs trabalhavam com afínco, mas cuidavam de plantações tipicamente femininas, como o cará, o feijão e a mandioca. O inhame, rei das colheitas, era plantio de homem.

O ano em que Okonkwo pediu emprestados a Nwakibie oitocentos inhames foi o pior de que se tem notícia. Nada aconteceu no momento certo; ou aconteceu muito cedo ou aconteceu tarde demais. Parecia que o mundo tinha ficado doído. As primeiras chuvas chegaram tarde e, quando vieram, foi apenas durante um breve espaço de tempo. O sol abrasador retornou, mais forte do que nunca, e crestou todo o verde que desportara com as chuvas. A terra queimava como carvões aquecidos e tostava os inhames que tinham sido plantados. Como todo bom agricultor, Okonkwo começara a plantar com as primeiras chuvas. Já conseguira plantar quatrocentos inhames, quando as águas secaram e o calor voltou. Olhava o céu o dia inteiro, em busca de sinais de chuva, e passava a noite inteira acordado. De manhãzinha, voltava ao rogado e via os grellos murchando. Tentara protegê-los da terra em brasa colocando anéis de folhas grossas de sisal em torno deles. No fim do dia, contudo, os anéis de sisal estavam queimados, secos, cor de cinza. Trocava-os todos os dias e orava para que a chuva caísse durante a noite. Mas a seca continuou durante oito semanas de mercado, e os inhames foram destruídos.

Alguns agricultores ainda não tinham plantado seus inhames. Eram os preguiçosos, os boas-vidas, que sempre adiavam ao máximo a época de cuidar de suas terras. Nesse ano, tinham sido eles os sábios. Demonstravam solidariedade aos vizinhos, abanando muito a cabeça, porém, no fundo, estavam satisfeitos com aquilo que consideravam o resultado de uma correta previsão.

Quando as chuvas finalmente voltaram, Okonkwo plantou o que restara de seus inhames. Teve um consolo: os inhames que plantara antes da seca eram de sua propriedade, a colheita do ano anterior. Ainda lhe restavam os oitocentos de Nwakié e os quatrocentos do amigo de seu pai. Poderia, portanto, recolher.

Mas o ano enlouquecera de vez. A chuva começou a cair mais forte do que nunca. Durante dias e noites seguidas, choveu torrencial e violentamente, e a chuva arrasou os montículos de terra sobre os inhames. Árvores foram desarraigadas, e profundas fossas apareceram por toda parte. Depois, a chuva tornou-se menos violenta. Mas prosseguiu, dia após dia, sem pausa. O curto período de sol, que costumava haver no meio da estação chuvosa, não houve. Os inhames brotavam em luxuriantes folhas verdes, porém todos os agricultores sabiam que, sem sol, os tubérculos não cresceriam.

Naquele ano, a colheita foi triste. Parecia um funeral. Muitos agricultores choravam à medida que desenterravam seus miseráveis e apodrecidos inhames. Um homem amarrô o pano com que se vestia ao galho de uma árvore e se enforcou.

Pelo resto de sua vida, Okonkwo lembraria esse ano trágico com um arrepio. Mais tarde, sempre que recordava aquilo tudo, surpreendia-se por não ter sucumbido ao desespero. Sabia que era um lutador ardoroso, mas aquele ano fora dose suficiente para arrebeitar a coragem de um leão.

— Depois de ter sobrevivido àquele ano — costumava dizer

— estou certo de que sobreviverei a qualquer coisa. — E debitava isso à sua inflexível força de vontade.

Seu pai, Unoka, que na época já era um homem doente, dissera-lhe naquele terrível mês da colheita:

— Não se desespere. Eu sei que você não vai se desesperar. Você possui um coração viril e orgulhoso. Um homem de coração orgulhoso é capaz de sobreviver a um malogro generalizado, porque semelhante malogro não lhe afeta o orgulho. É mais difícil e mais amargo a um homem fracassar sozinho.

Unoka estava, assim, em seus últimos tempos de vida. O amor pela conversa crescera com a idade e com a doença. Com isso, esgotava, para além de todas as palavras, a paciência de Okonkwo.

— Ao se olhar para a boca de um rei — dizia um velho — poderíamos pensar que ele jamais mamou em peito de mãe. — Referia-se a Okonkwo, que tão rapidamente saíra de uma grande miséria e de um grande infortúnio para se tornar um dos senhores do clã. O velho não guardava ressentimento algum contra Okonkwo. Na verdade, respeitava-o por sua diligência e seu êxito. Ficava, contudo, chocado, como a maioria das pessoas, com a brusquidão de Okonkwo ao lidar com seus semelhantes menos bem-sucedidos. Havia apenas uma semana, um homem o contradissera durante uma reunião familiar, onde se discutia a próxima festividade em honra aos ancestrais. Sem olhar para o sujeito, Okonkwo declarara:

— Esta é uma reunião de homens.

O sujeito que o contradissera não possuía nenhum título. Por esse motivo, Okonkwo o chamara de mulher. Todos os que estavam na reunião tomaram o partido de Osugo, quando Okonkwo o chamou de mulher. O homem mais idoso do grupo observava com severidade que aqueles para quem os carcos de palma

eram rompidos por um espírito benevolente não deveriam se esquecer de se mostrar humildes. Okonkwo replicou que sentia muito ter dito o que dissera, e a reunião prosseguiu.

Mas não era verdade que os carcos de palma de Okonkwo tivessem sido rompidos por um espírito benevolente. Ele próprio os rompera. Qualquer pessoa que conhecesse a luta implacável que travara contra a miséria e o infortúnio não poderia dizer que ele apenas tivera sorte. Se alguém merecera o êxito, esse alguém fora Okonkwo. Ainda muito jovem, adquirira fama como o maior lutador de todo aquele território. Isso não fora por mera sorte. Quando muito, se poderia dizer que seu *chi*, ou deus pessoal, era muito bom. Mas o povo ibo tem um provérbio no qual se afirma que, quando um homem diz sim, seu *chi* também diz sim. Okonkwo dissera sim com muita força; e por isso seu *chi* concordara. E não somente seu *chi*, mas também todo o clã, porque se julgava um homem pelo trabalho de suas mãos. Essa fora a razão pela qual as nove aldeias escolheram Okonkwo para levar a ameaça de guerra aos inimigos, a menos que concordassem em entregar um rapaz e uma virgem como reparação pelo assassinato da esposa de Udo. E tal era o profundo temor que os inimigos nutriam por Umuófia, que trataram Okonkwo como um rei e lhe entregaram uma virgem, que foi dada a Udo como esposa, e Ikemefuna, o rapazola.

Os mais velhos do clã haviam decidido que Ikemefuna seria entregue aos cuidados de Okonkwo durante algum tempo. Mas ninguém pensara em um período de tempo tão longo quanto três anos. Pareciam ter-se esquecido completamente do rapaz depois de tomada a decisão.

No princípio, Ikemefuna sentira muito medo. Uma ou duas vezes, tentara fugir, mas não sabia por onde começar. Pensava



em sua mãe e na irmazinha de três anos, e chorava amargamente. A mãe de Nwoye era muito bondosa com ele e o tratava como a um filho. Porém tudo que ele dizia era:

— Quando é que eu vou voltar para casa?

Quando Okonkwo soube que o rapaz não queria comer alimento algum, entrou na choça com uma grande vara na mão e ficou parado diante do jovem, enquanto este engolia seus inchames, a tremor. Alguns instantes mais tarde, o rapaz foi para trás da choça e vomitou penosamente. A mãe de Nwoye foi até ele e colocou as mãos sobre o peito e as costas de Ikemefuna. Este continuou doente durante três semanas de mercado e, quando se recuperou, parecia ter superado seu grande medo e sua tristeza.

Era por natureza um rapaz muito alegre, e pouco a pouco foi se tornando popular na família de Okonkwo, especialmente entre as crianças. O filho de Okonkwo, Nwoye, que era dois anos mais moço, tornou-se inseparável de Ikemefuna, porque este parecia saber tudo. Era capaz de fabricar flautas de caniços de bambu e até mesmo de capim-elefante. Sabia o nome de todos os pássaros e armava engenhosas armadilhas para pegar os pequenos roedores do mato. E sabia que árvores forneciam os melhores galhos para se fazerem os arcos mais resistentes.

O próprio Okonkwo apegou-se muito ao garoto, embora não desse mostras disso, é claro. Okonkwo jamais demonstrava nenhuma emoção abertamente, a menos que fosse provocada pela raiva. Demonstrar afeição era sinal de fraqueza; a única coisa que valia a pena mostrar era a força. Tratava, portanto, Ikemefuna como aos demais — com mão pesada. Mas não havia dúvida de que gostava do rapaz. Certas vezes, quando ia assistir a grandes reuniões na cidade ou a festas comunitárias em homenagem aos ancestrais, permitia que Ikemefuna o acompanhasse, como um filho, a carregar seu banco e sua sacola de pele de cabra. E, na verdade, Ikemefuna o chamava de pai.

\* \* \*

Ikemefuna chegara a Umuófia no final da alegre estação entre a colheita e o plantio. Recuperara-se, aliás, de sua doença alguns dias antes do início da Semana da Paz. E esse também foi o ano em que Okonkwo rompeu a paz, e foi punido, como era o costume, por Ezeani, o sacerdote da deusa da terra.

Okonkwo fora provocado em sua raiva pela esposa mais moça, que fora trançar o cabelo em casa de uma amiga e não regressara suficientemente cedo para preparar a refeição da tarde. De início, Okonkwo não sabia que ela não se achava em casa. Depois de esperar em vão pelo prato que ela deveria ter preparado, foi até a casa dela para ver o que se passava. Não encontrou ninguém lá. E o fogão estava frio.

— Onde está Ojiugo? — perguntou à segunda esposa, que saía de sua cabana para tirar água de um gigantesco pote que ficava à sombra de uma árvore pequenina, no meio do terreiro.

— Foi trançar o cabelo.

Okonkwo mordeu os lábios, enquanto a raiva lhe crescia por dentro.

— Onde estão os filhos dela? Estão com ela? — perguntou com calma e controle desusados.

— Estão aqui — respondeu sua primeira mulher, a mãe de Nwoye.

Okonkwo abaixou-se e olhou para dentro da cabana de sua esposa mais velha. Os filhos de Ojiugo comiam com os filhos de sua primeira mulher.

— Ela lhe pediu que lhes desse de comer antes de sair?

— Sim — mentiu a mãe de Nwoye, procurando minimizar a falta de consciência de Ojiugo.

Okonkwo sabia que ela não estava dizendo a verdade. Foi para o seu obi, a fim de aguardar o regresso de Ojiugo. E quando

ela voltou, espancou-a brutalmente. Em sua fúria, esquecerase de que aquela era a Semana da Paz. Suas duas outras esposas saíram correndo, muito assustadas, implorando-lhe que parasse, que aquela era a semana sagrada. Porém Okonkwo não era homem que deixasse uma surra a meio caminho, mesmo por temor a uma deusa.

Os vizinhos de Okonkwo ouviram os gritos da mulher e perguntaram, por cima do muro, o que estava acontecendo. Alguém se aproximaram, para ver com os próprios olhos. Jamais se ouvira contar que alguém batesse em alguém durante a Semana da Paz.

Antes do crepúsculo, Ezeani, que era o sacerdote de Ani, a deusa da terra, foi ter com Okonkwo. Okonkwo trouxe noz de cola e colocou-a diante do sacerdote.

— Tire daqui sua noz de cola! Não tenciono comer na casa de um homem que não respeita os deuses e os antepassados!

Okonkwo tentou explicar-lhe o que fizera a esposa, mas Ezeani parecia não lhe prestar atenção. Segurava um bastão curto numa das mãos, com o qual golpeava o solo, para dar mais ênfase ao que dizia.

— Ouça-me — disse, assim que Okonkwo se calou. — Você não é um estranho em Umuófia. Sabe tão bem quanto eu que nossos ancestrais ordenaram que, antes da época do plantio, devemos observar uma semana durante a qual nenhum homem pode dizer uma palavra dura a seu vizinho. Durante esta semana, vivemos em paz com nossos semelhantes, para honrar nossa grande deusa da terra, sem cuja bênção nossas plantações não crescerão. Você cometeu um grande mal — afirmou, batendo com o bastão pesadamente no solo. — Sua mulher também errou, mas mesmo que você, ao entrar em seu *obi*, a tivesse encontrado com um amante deitado sobre ela, ainda assim você teria cometido um grande mal se a tivesse espancado.

O bastão tornou a golpear o solo.

— O mal que você fez pode arruinar todo o clã. A deusa da terra, a quem você ofendeu, poderá recusar-se a nos dar auxílio, e todos nós pereceremos. — E continuou, passando do tom de zanga ao de comando: — Você deverá levar, amanhã, ao santuário de Ani, uma cabra, uma galinha, uma peça de tecido e cem cauris.

Levantou-se e saiu da morada.

Okonkwo fez o que o sacerdote lhe ordenara. Levou, além disso, uma cabaca de vinho de palma. Intimamente estava arrependido. Não era homem, contudo, que sáisse por aí a reconhecer o erro diante dos vizinhos. Por isso, as pessoas comentaram que ele não respeitava os deuses do clã. Seus inimigos afañçaram que sua boa sorte lhe subira à cabeça. Chamaram-no de *nza*, o pequenino pássaro que a tal ponto não se enxergara, após uma farta refeição, que ousara desafiar seu *chi*.

Não se trabalhava durante a Semana da Paz. Visitavam-se os vizinhos, bebia-se vinho de palma. Nesse ano, não se falou em outra coisa que não no *nso-dni*, o grande pecado cometido por Okonkwo. Era a primeira vez, em muitos anos, que um homem rompia a paz sagrada. Até mesmo os mais velhos só se lembravam de uma ou duas ocasiões em que isso se dera, num passado longínquo.

Ogbuefi Ezeudu, o mais velho da aldeia, comentava, com outros dois homens que o tinham ido visitar, que a punição pelo rompimento da Paz de Ani se tinha suavizado muito no clã.

— Nem sempre foi assim — declarou. — Meu pai me contou terem lhe contado que, no passado, quem rompesse a paz era arrastado pelo chão da aldeia até morrer. Mas algum tempo depois esse costume se interrompeu porque, em última análise, quebrava a paz que era suposto preservar.

— Contaram-me ontem — disse um dos visitantes mais jo-

vens — que, em certos clãs, se considera uma abominação que um homem morra durante a Semana da Paz.

— E realmente é verdade — falou Ogbuefi Ezeudu. — Existe essa crença em Obodoani. Se um homem morrer nessa semana, não é enterrado. Jogam-no na Floresta Maldita. É um mau costume o que essa gente segue, porque lhe falta compreensão. Atiram na floresta uma grande quantidade de homens e mulheres, sem enterro. E qual é o resultado? Seu clã vive cheio dos espíritos maus desses mortos sem tumba, ávidos de causar danos aos vivos.

Após a Semana da Paz, todos os homens e suas famílias começaram a limpar o mato para preparar as novas roças. O mato cortado era posto a secar e, depois, atevam-lhe fogo. À medida que a fumaça subia para o céu, gaviões surgiam de diversas direções e pairavam sobre o campo incendiado, num adeus silencioso. A estação das chuvas se aproximava e, com ela, eles partiriam, para só regressar quando a seca voltasse.

Okonkwo passou os dias seguintes preparando seus inhames para o plantio. Examinava cada um cuidadosamente, observando se estava em condições de ser plantado. Algumas vezes, decidia que um inhame era grande demais para ser usado como uma única semente e o cortava, ágil, no sentido da altura, com sua faca afiada. Nwoye, o filho mais velho, e Ikemefuna o ajudavam, indo buscar os inhames no celeiro em grandes cestas, e separando os que Okonkwo reservara para o plantio em grupos de quatrocentos. Okonkwo, às vezes, dava-lhes inhames para preparar, mas depois, por mais esforço que fizessem, sempre encontrava algum defeito, e os ofendia em tom ameaçador:

— Você pensa que está cortando inhame para cozinhar? — perguntava a Nwoye. — Se você cortar outro inhame desse

tamanho, eu lhe arrebento a cara! Está pensando que ainda é criança? Me tornei dono de um roçado com a sua idade! E você — dirija-se a Ikemefuna — por acaso nunca plantou inhame na cidade de onde veio?

No íntimo, Okonkwo sabia que eles ainda eram jovens demais para dominar completamente a difícil arte de preparar os inhames para o plantio. Achava, porém, que nunca era cedo demais para começar. Inhame era o símbolo da virilidade, e aquele que fosse capaz de alimentar a família com os inhames de uma colheita à outra era realmente um grande homem. Okonkwo desejava que seu filho chegasse a ser um grande agricultor e um grande homem. Para isso, estava pronto a eliminar os inquietantes sinais de preguiça que imaginava entrever no menino.

— Não pretendo ter um filho que não possa manter a cabeça erguida em qualquer reunião do clã. Se isso acontecesse, eu o estrangularia com minhas próprias mãos. E se você continuar a me encarar desse jeito — ameaçou —, Amadiora lhe quebrará a cabeça!

Dias depois, quando duas ou três chuvaradas já haviam unedecido a terra, Okonkwo e a família foram ao roçado com grandes cestos de inhames, enxadas e machetes. E o plantio começou. Faziam montículos de terra, separados uns dos outros, em linhas retas, ao longo de todo o campo, e neles plantavam os inhames.

O inhame, rei das colheitas, era um rei muito exigente. Durante três ou quatro luas requeria trabalho pesado e atenção constante, desde o primeiro cantar do galo até a hora em que as galinhas se recolhem. Os grelos precisavam ser protegidos do calor da terra por anéis de folhas de sisal. E quando as chuvas se tornavam mais pesadas, as mulheres cultivavam milho, melões e feijões nos intervalos entre os montículos de inhame. Mais tarde, as plantas eram escoradas em estacas: primeiro, em pequenos

gravetos e, depois, em grandes galhos de árvores. As mulheres limpavam o roçado das ervas daninhas, três vezes, em períodos bem definidos — nem muito cedo nem muito tarde.

Agora as chuvas tinham realmente chegado, tão pesadas e tão persistentes que até mesmo o fazedor de chuvas da aldeia já se declarava incapaz de intervir. Agora, ele não podia mais parar a chuva, do mesmo modo que não tentava fazer chover no meio da estação seca, esse esforço que poderia pôr em sério risco sua saúde. O dinamismo pessoal requerido para se opor à força natural das estações era demasiado grande para o organismo humano.

Assim, ninguém interferia na natureza, em plena estação das chuvas. E elas despencavam do céu em lençóis tão espessos, que terra e céu pareciam submersos num único aguaceiro cinzento. Não era possível saber, então, se o débil roncar do trovão de Amadiora vinha do alto dos céus ou debaixo da terra. Nesses momentos, em cada uma das inúmeras choças de sapé de Umuófia, as crianças sentavam-se em volta do fogão, onde a mãe cozinhava, e contavam histórias, ou iam ter com o pai, em seu *obi*, e ali se aqueciam junto a uma pequena fogueira e assavam e comiam milho. Assim transcorria o breve período de repouso entre a exigente e árdua estação do plantio e o igualmente exigente, mas alegre, mês da colheita.

Ikemefuna começava a se sentir um membro da família de Okonkwo. Ainda pensava na mãe e na irmãzinha de três anos, e tinha momentos de tristeza e depressão. Mas ele e Nwoye tinham se ligado tão intimamente, que tais momentos eram cada vez mais raros e menos dolorosos. Ikemefuna possuía um estoque infundável de histórias. Mesmo aquelas que Nwoye já conhecia, eram contadas com nova frescura e com o sabor local de um clã diferente. Nwoye se recordaria desse período, com intensa nitidez, até o fim de sua vida. Iria se lembrar até mesmo

de como tinha rido quando Ikemefuna lhe contara que o nome apropriado para uma espiga de milho que tivesse apenas alguns grãos esparsos era *eze-agadi-nwayi*, ou seja, dentes de mulher velha. O pensamento de Nwoye voltara-se imediatamente para Nwayieki, que morava perto de uma grande árvore. Ela tinha uns três dentes e estava sempre fumando cachimbo.

Aos poucos, as chuvas tornaram-se mais leves e menos frequentes, e a terra e o céu de novo se separaram. A chuva caía rala e oblíqua, cortada pela luz do sol e por uma tênue brisa. As crianças já não permaneciam dentro de casa, mas corriam para fora, a cantar:

*A chuva está caindo, o sol está brilhando.*

*Nnadi, sozinho, está comendo e cozinhando.*

Nwoye ficava imaginando quem seria esse Nnadi e por que estaria sozinho, comendo e cozinhando. Afinal, acabou por concluir que Nnadi devia morar naquela terra da história favorita de Ikemefuna, na qual a formiga mantém sua corte, com todo o esplendor, e as areias dançam sem cessar.

A Festa do Novo Inhame vinha chegando, e Umuóha estava com uma disposição festiva. Era esse o momento de agradecer a Ani, a deusa da terra e fonte de toda fertilidade. De todas as deidades, Ani era a que desempenhava papel mais importante na vida do povo. Era o juiz supremo da moral e da conduta. E ainda por cima estava em íntima comunhão com os antepassados do clã, cujos corpos tinham sido confiados à guarda da terra.

O Festival do Novo Inhame realizava-se todos os anos, antes do início da colheita, em homenagem à deusa da terra e aos espíritos ancestrais do clã. Os inhames novos não podiam ser comidos sem que antes fossem oferecidos a Ani e aos antepassados. Homens e mulheres, jovens e velhos esperavam com ansiedade o Festival do Novo Inhame, porque com ele se iniciava a estação da plenitude — o novo ano. Na última noite antes da Festa, os inhames do ano anterior eram todos jogados fora por aqueles que ainda os tivessem. O ano novo devia começar com inhames frescos e saborosos, e não com os restos murchos e fibrosos da safra anterior. Todas as panelas, cabaças e tachos de madeira

eram cuidadosamente lavados, e ainda mais o pilão de madeira no qual se socava o inhame. Pasta de inhame e sopa de inhame eram os principais pratos da celebração. E preparava-se tamanha quantidade desses alimentos, que, por mais que a família comesse, ou por maior que fosse o número de amigos e parentes convidados das aldeias vizinhas, sempre sobrava uma imensidão no fim do dia. Todas as vezes contava-se a história de um homem muito rico que colocou diante de seus convidados uma montanha tão alta de pasta de inhame, que aqueles sentados de um lado não conseguiam ver o que se passava do outro, e somente já bem entrada a noite foi que um deles avistou pela primeira vez um parente que chegara durante o banquete e se colocara na banda oposta à sua. Só então eles se cumprimentaram e se apertaram as mãos, por cima do que restava da comida.

O Festival do Novo Inhame era, pois, uma ocasião de alegria na aldeia. E todo aquele cujo braço ainda estava forte, como diziam os ibos, deveria convidar para a festa uma grande quantidade de pessoas, dos pontos mais distantes da região. Okonkwo sempre convidava os parentes de suas mulheres e, como agora tinha três esposas, seus hóspedes formavam um grupo bastante numeroso.

No entanto, por alguma razão, Okonkwo não chegava já mais a se entusiasmar com a festa como a maioria das pessoas. Era um comilão e bebia com facilidade uma ou duas cabaças grandes de vinho de palma. Sentia-se porém, sempre desconfortável, sentado aqui ou ali, durante dias, à espera de uma festa ou de que passassem os efeitos dela. Seria muito mais feliz trabalhando em sua roça.

Faltavam apenas três dias para o Festival. As mulheres de Okonkwo tinham esfregado as paredes das choças com barro vermelho, até que rebrilhassem. Depois, tinham desenhado nelas desenhos decorativos em branco, amarelo e verde-escuro. Em

seguida, pintaram os próprios corpos de vermelho e desenharam arabescos, com tinta preta, no estômago e nas costas. As crianças também foram enfeitadas, os cabelos parcialmente raspados formando belos desenhos. As três mulheres conversavam, excitadas, sobre os parentes que tinham sido convidados, e as crianças deliciavam-se com a ideia de serem mimadas por esses visitantes. Ikemefuna também estava excitado. O Festival do Novo Inhame parecia-lhe um acontecimento muito mais importante em Umuófia do que em sua própria aldeia, lugar que já se ia tornando remoto e vago em sua imaginação.

E então explodiu a tormenta. Okonkwo, que estivera andando de um lado para outro dentro do *compound*, sem ter nada que fazer, tentando controlar a raiva, de repente encontrou um pretexto para desencadeá-la.

— Quem matou esta bananeira? — perguntou.

Fez-se imediatamente silêncio no *compound*.

— Quem matou esta árvore? Ou será que vocês todos são surdos e mudos?

Na realidade, a bananeira ainda estava mais do que viva. Simplesmente, a segunda mulher de Okonkwo havia cortado algumas folhas para embrulhar certos alimentos. E isso foi o que ela disse a Okonkwo. Ele, sem mais discussão, deu-lhe uma boa surra e deixou-as, a ela e à sua única filha, chorando. Nenhuma das outras esposas ousou interferir. Limitaram-se a ocasionais “Basta, Okonkwo!”, ditos com medo e em tom suplicante, ambas mantendo uma distância razoável.

Depois de dar vazão à sua ira, Okonkwo resolveu ir caçar. Possuía uma espingarda velha e enferrujada, feita por um hábil ferreiro que fora morar em Umuófia muito tempo antes. Mas, embora Okonkwo fosse um grande homem, cuja bravura todo mundo conhecia, não era um caçador. Na verdade, jamais matara sequer um rato com a espingarda. Por isso, quando chamou

Ikemefuna para que fosse buscar a arma, a mulher que acabara de ser espancada murmurou qualquer coisa a respeito de espingardas que nunca eram usadas. Infelizmente para ela, Okonkwo ouviu o comentário. Correu furioso para o quarto, à procura da arma. E, de volta, apontou a espingarda na direção da mulher, que tentava saltar por cima do murinho do celeiro. Apertou o gatilho e ouviu-se um estouro muito forte, acompanhado dos lamentos de suas mulheres e filhos. Jogou a arma no chão e pulou para dentro do celeiro, onde jazia a mulher, muito abalada e assustada, mas ilesa. Okonkwo deu um suspiro profundo e foi-se embora, levando a arma.

Apesar desse incidente, o Festival do Novo Inhame foi celebrado com grande alegria na família de Okonkwo. Naquela manhã bem cedo, quando levava a oferenda sacrificial de inhame novo e de óleo de palma aos ancestrais, ele lhes pedira que o protegessem, bem como a seus filhos e as mães deles.

À medida que ia entardecendo, os parentes de Okonkwo começaram a chegar das aldeias vizinhas, e cada grupo trazia um gigantesco pote de vinho de palma. Comeu-se e bebeu-se até a noite, quando os convidados, pouco a pouco, regressaram às suas casas.

O segundo dia do novo ano era o da grande competição de luta corporal entre a aldeia de Okonkwo e as outras próximas dali. Difícil era dizer o que o povo apreciava mais — se as festas e o companheirismo do primeiro dia, ou se o torneio de luta do segundo. Havia uma mulher, contudo, que não tinha nenhuma dívida a respeito. Era a segunda mulher de Okonkwo, Ekwefi, que ele quase matara com um tiro. Não havia festival, em qualquer estação do ano, que lhe desse tanto prazer quanto o torneio de luta livre. Havia muitos anos, quando ela era a beldade da

aldeia, Okonkwo lhe conquistara o coração ao derrubar o Gato no maior torneio de que se tinha memória. Não havia se casado com ele naquela ocasião porque Okonkwo ainda era pobre demais para poder pagar seu prego de noiva. Alguns anos depois, porém, fugira da casa de seu marido para ir viver com Okonkwo. Tudo isso acontecera havia muito tempo. Agora Ekwefi era uma mulher de quarenta e cinco anos que sofrera muito na vida. Contudo, seu amor pelos torneios de luta livre persistia tão forte quanto trinta anos atrás.

Ainda não era meio-dia da segunda jornada do Festival do Novo Inhamme. Ekwefi e sua única filha, Ezinma, estavam sentadas junto ao fogão, esperando a água da panela ferver. A ave que Ekwefi acabara de matar estava dentro do pilão. A água começou a ferver e, com um movimento hábil, Ekwefi retirou a panela do fogo e derramou-a sobre a ave. Colocou a panela vazia num suporte, a um canto, e olhou para as palmas da mão, pretas de fuligem. Ezinma sempre se surpreendia com o fato de sua mãe ser capaz de retirar uma panela do fogo com as mãos desprotegidas.

— Ekwefi — disse ela —, é verdade que, quando as pessoas são crescidas, o fogo não as queima? — Ezinma, ao contrário da maioria das crianças, costumava chamar a mãe pelo nome.

— É — respondeu Ekwefi, ocupada demais para explicações. A filha tinha apenas dez anos, mas era muito esperta para a idade.

— No entanto, a mãe de Nwoye deixou cair a panela cheia de sopa quente, há alguns dias, e a panela se espantou no chão.

Ekwefi girou a galinha que estava no pilão e começou a depená-la.

— Ekwefi — continuou Ezinma, que se juntara à mãe, para ajudá-la a depenar a galinha —, minha pálpebra está tremendo.

— Isso quer dizer que você vai chorar — disse a mãe.

— Não — retrucou Ezinma —, é a pálpebra, a de cima.

— Isso significa que você vai ver alguma coisa.

— O que é que eu vou ver? — indagou a menina.

— Como é que eu posso saber? — Ekwefi queria que a filha descobrisse por si mesma.

— Ha, ha! — exclamou Ezinma por fim. — Já sei o que é. É o torneio de luta livre.

Finalmente, a galinha foi toda limpa. Ekwefi tentou arrancar fora o bico caloso, mas ele era duro demais. Deu meia-volta no banquinho baixo em que estava sentada e colocou o bico sobre o fogo durante alguns instantes. Deu-lhe novo puxão e ele saiu fora.

— Ekwefi! — ouviu-se uma voz chamando de uma das outras choças. Era a mãe de Nwoye, a primeira mulher de Okonkwo.

— Você está me chamando? — respondeu Ekwefi. Era essa a maneira de replicar aos chamados de fora. As pessoas jamais respondiam sim, por temor de que pudesse ser um espírito mau.

— Será que você poderia pedir que Ezinma me trouxesse algumas brasas? — Seus filhos e Ikemefuna tinham ido até ao rio.

Ekwefi colocou algumas brasas num caco de barro e Ezinma levou-as, pelo terreiro recém-varrido, até a casa da mãe de Nwoye.

— Obrigada, Nma — disse ela. Descascava inhames novos e, numa cesta ao lado dela, havia verduras e feijões.

— Deixe-me acender o fogo para a senhora — ofereceu-se Ezinma.

— Muito obrigada, Ezigbo — retrucou a mulher. Frequentemente chamava a menina de Ezigbo, que significa “a bondosa”.

Ezinma foi lá fora e trouxe alguns gravetos de uma imensa pilha de lenha. Partiu-os em pedaços pequenos com a sola do pé e começou a fazer fogo, soprando as brasas.

— Seus olhos vão explodir, de tanto que você sopra — co-

mentou a mãe de Nwoye, a espreitá-la por cima dos inhames que estava descascando. — Use o abano.

A mulher levantou-se e puxou o leque, amarrado a um dos caibros. Assim que ela se ergueu, a cabra leiteira, que até então estivera comendo obedientemente as cascas do inhame, meteu os dentes num pedaço do próprio inhame, escavando dois bons bocados grandes, e saiu correndo da choça, para ir ruminar de baixo do telheiro. A mãe de Nwoye esconjurou-a e tornou a se acomodar, para prosseguir seu trabalho. O fogo de Ezinma já fazia agora grossas nuvens de fumaça. Ela continuou a abaná-lo, até que ele explodiu em chamas. A mãe de Nwoye agradeceu e a menina voltou para a choça materna.

Justamente nesse momento, o som dos tambores começou a chegar até elas. Vinha da direção do *ilo*, o campo de recreação da aldeia. Cada vilarejo tinha o seu *ilo*, tão antigo quanto a comunidade, e nele se realizavam todas as grandes cerimônias e danças. Os tambores soavam no ritmo inconfundível da dança do torneio — rápido, leve e alegre, como era trazido pelo vento.

Okonkwo limpou a garganta e mexeu com os pés, na carência dos tambores. Essa música era algo que o enchia de entusiasmo desde a juventude. Ele tremia, com uma ânsia de conquistar e subjugar. Era como se desejasse uma mulher.

— Chegaremos tarde para a luta — disse Ezinma à mãe.

— Eles não começarão antes que o sol se ponha.

— Mas os tambores já estão batendo...

— É certo. Os tambores começam ao meio-dia, mas a luta não principia senão quando o sol vai desaparecer. Vá ver se seu pai já tirou para fora os inhames da refeição da tarde.

— Já, sim. A mãe de Nwoye já está cozinhando.

— Vá até lá e traga os seus, então. Precisamos cozinhar depressa, ou chegaremos tarde para a luta.

Ezinma saiu correndo na direção do celeiro e voltou com dois inhames que pegara em cima do murinho.

Ekweh descascou os inhames rapidamente. A irrequieta cabra leiteira vasculhava por ali, comendo as cascas. A mulher cortou os inhames em pedaços pequenos e começou a preparar uma sopa de legumes usando um pouco da galinha.

Naquele instante, ouviram alguém chorar do lado de fora do *compound*. O choro parecia o de Obiageli, a irmã de Nwoye.

— Não é Obiageli quem está chorando? — perguntou Ekwefi à mãe de Nwoye, que estava do outro lado do pátio.

— Sim — retrucou ela. — Deve ter quebrado o pote d'água.

O choro estava agora muito perto, e a feira de crianças entrou no *compound*, com bilhas de vários tamanhos à cabeça, de acordo com a idade de cada uma. Ikemefuna vinha em primeiro lugar, com a jarra maior, seguido por Nwoye e seus dois irmãos menores. Obiageli vinha na retaguarda, a face banhada em lágrimas. Trazia na mão a rodilha sobre a qual a moiranga se apoia na cabeça.

— O que foi que houve? — perguntou a mãe, e Obiageli contou sua triste história. A mãe consolou-a, prometendo comprar-lhe outra bilha.

Os irmãos mais moços de Nwoye estavam a ponto de contar à mãe a verdadeira história do acidente, quando Ikemefuna lançou-lhes um olhar severo e eles ficaram quietos. O fato é que Obiageli tinha estado fazendo *inyanga* com a jarra. Equilibrara-a na cabeça, cruzara os braços na frente do corpo e começara a balançar os quadris, como fazem as meninas mais velhas. Quando o pote caiu e se quebrou, ela rira às gargalhadas. Só começara a chorar perto da gameleira, quase ao lado do *compound*.

Os tambores continuavam a tocar, persistentes, sem mudar de cadência. Seu som já não era algo separado da aldeia buliçosa. Era como se fosse o pulsar de seu coração. Ressoava no ar, na luz do sol e até nas árvores, empolgando toda a aldeia.

Com uma concha, Ekwefi pôs a sopa do marido dentro de uma tigela e a tampou. Ezinma levou-a para ele, no *obi*.



## 6.

Sentado numa pele de bode, Okonkwo começava a comer a refeição que Ihe mandara a primeira mulher. Obiageli, que fora encarregada de trazer a comida da choça de sua mãe, esperava ele terminar, sentada no chão. Ezinma depositou diante de Okonkwo o prato que sua mãe lhe enviara, e acomodou-se perto de Obiageli.

— Sente-se como uma mulher! — berrou-lhe Okonkwo.

Ezinma juntou as pernas e esticou-as à sua frente.

— Pai, o senhor vai assistir à luta? — perguntou Ezinma após algum tempo de cauteloso silêncio.

— Você — respondeu. — E você?

— Também vou. — E depois de uma pausa, acrescentou: — Posso trazer-lhe sua cadeira?

— Não, isso é trabalho de menino.

Okonkwo tinha um carinho especial por Ezinma. Ela se parecia muito com a mãe, que um dia fora a moça mais bonita da aldeia. Esse carinho, no entanto, só se punha à mostra em ocasiões muito raras.

— Hoje Obiageli quebrou uma bilha — disse Ezinma.

— Eu sei. Ela já me contou a história — contestou Okonkwo, ainda de boca cheia.

— Pai — observou Obiageli —, as pessoas não devem falar enquanto estão comendo, pois a pimenta pode descer pelo lugar errado.

— Você tem razão. Ouviu isso, Ezinma? Você é mais velha do que Obiageli, mas ela tem mais juízo.

Okonkwo destampou a tigela enviada pela segunda mulher e começou a comer a sopa. Obiageli pegou a vasilha que trouxera e com ela regressou à choça materna. Foi então que Nkechi chegou, trazendo o terceiro prato. Nkechi era a filha da terceira mulher de Okonkwo.

À distância, os tambores continuavam a soar.

A aldeia inteira compareceu ao *ilo* — homens, mulheres e crianças. Quase todos ficaram de pé, formando um enorme círculo e deixando livre o centro do terreiro. Os mais velhos e as eminências da aldeia sentaram-se em seus próprios tamborettes, levados até ali por seus filhos menores ou por seus escravos. Okonkwo estava entre eles. Todos os demais ficaram de pé, exceto aqueles que haviam chegado suficientemente cedo para conseguir lugar nas poucas arquibancadas existentes, construídas com troncos lisos apoiados em suportes em forma de forquilha.

Os lutadores ainda não tinham chegado, e os tocadores de tambor dominavam o ambiente. Estavam também sentados, à frente do grande círculo de espectadores, bem defronte ao grupo dos anciãos. Por trás deles erguia-se a alta e antiga árvore-de-seda-e-algodão, que era sagrada. Os espíritos das crianças boas viviam naquela árvore, à espera da hora de nascerem. Nos dias comuns, jovens mulheres que desejavam filhos iam sentar-se à sua sombra.

Havia sete tambores, dispostos conforme o tamanho, numa

comprida cesta de madeira. Três homens golpeavam-nos com varas retas, movendo-se febrilmente de um tambor a outro. Estavam possuídos pelo espírito dos tambores.

Os rapazes encarregados de manter a ordem corriam de um lado para o outro, consultando-se, e também com os líderes dos dois times que iriam competir e que ainda estavam fora do círculo, por trás da multidão. De vez em quando, dois jovens, carregando grandes folhas de palmeira, corriam em volta do círculo e mantinham a multidão afastada do centro do terreiro. Batiam com as palmas no chão à frente das pessoas ou, se elas se mostravam teimosas, golpeavam-lhes pernas e braços.

Afinal, os dois grupos entraram no círculo, dançando, sob os aplausos e os urros da multidão. Os tambores bateram com mais força, num ritmo frenético. A assistência ondulou para a frente. Os rapazes que mantinham a ordem voavam de um lado a outro, agitando suas folhas de palmeira. Os velhos acompanhavam com a cabeça a batida dos tambores, relembrando o tempo em que tinham lutado ao som daquele ritmo excitante.

As lutas tiveram início com os rapazes de quinze ou dezesseis anos. Havia apenas três em cada equipe. Eles não eram verdadeiros lutadores; simplesmente preparavam a assistência para o que viria depois. Em pouco tempo, os dois primeiros combates terminaram. Mas o terceiro causou grande sensação, mesmo entre os mais velhos, que em geral não tinham o hábito de mostrar-se assim tão abertamente excitados. Esse combate foi tão rápido quanto os dois anteriores, talvez ainda mais rápido. Porém pouca gente tinha visto um dia uma luta como aquela. Assim que os dois garotos se aproximaram, um deles fez algo que ninguém saberia descrever, pois se passara rápido como um raio. O outro rapazola caiu de costas, estatelado no chão. A multidão urrava e aplaudia tanto que, durante alguns instantes, abafou os frenéticos tambores. Okonkwo ficou de pé, num salto, tornando

a sentar-se em seguida. Três rapazes do time vitorioso adiantaram-se correndo, puseram o vencedor nos ombros e dançaram no meio da multidão, que dava vivas. Pouco depois, todos souberam quem era o vencedor. Chamava-se Maduka e era filho de Obierika.

Os tocadores de tambor pararam para um breve descanso, antes que as verdadeiras lutas começassem. Seus corpos brilhavam de suor. Pegaram legumes e começaram a abanar-se. Beberam água em pequenas cabças e comeram noz de cola. Foram se tornando novamente seres normais, a conversar e a rir entre si e com os outros em volta. A atmosfera, plena de tensão e excitação, tornara a distender-se. Era como se alguém tivesse jogado água em cima da pele esticada de um tambor. Muita gente olhava ao redor, quem sabe se pela primeira vez, e começava a prestar atenção àqueles que estavam de pé ou sentados, nas proximidades.

— Não sabia que era você — disse Ekwefi à mulher que se mantivera a seu lado desde o início do torneio.

— Não é de admirar — replicou a outra. — Nunca vi tão grande amontoado de gente. É verdade que Okonkwo quase matou você com a espingarda?

— É verdade, minha querida amiga. Até agora não tive ânimo para contar a história.

— O seu *chi* está acordadíssimo, minha amiga. E como vai minha filha Ezinma?

— Faz tempo que ela anda muito bem. Talvez tenha vindo para ficar.

— Acho que sim. Quantos anos ela tem agora?

— Quase dez.

— Acho que ela vai ficar. Geralmente ficam, quando não morrem antes dos seis anos.

— Rezo para que fique — acrescentou Ekwefi com um suspiro profundo.

A mulher com quem ela conversava chamava-se Chielo. Era a sacerdotisa de Agbala, o Oráculo das Montanhas e das Grutas. Na vida normal, Chielo era uma viúva com dois filhos. Muito amiga de Ekwefi, as duas compartilhavam uma barraca no mercado. Chielo tinha um carinho todo especial pela filha única de Ekwefi, Ezinma, a quem costumava chamar de “minha filha”. Muitas vezes, ao comprar bolos de feijão, dava alguns a Ekwefi, para que ela os levasse a Ezinma. Quem olhasse para a Chielo de todos os dias, dificilmente acreditaria ser a mesma pessoa que profetizava, quando o espírito de Agbala incorporava nela.

Os tocadores de tambor pegaram novamente as varetas e o ar tremeu, tornando-se tenso como um arco esticado.

As duas equipes estavam enfileiradas, confrontando-se à distância. Um rapaz veio dançando pelo centro do terreiro, chegou perto do outro time e apontou para aquele contra quem desejava lutar. Dançaram juntos, de volta ao centro do terreiro, e se enlamearam.

Havia doze homens de cada lado e a iniciativa do desafio passava de um time a outro. Dois juízes se movimentavam ao redor dos lutadores e, quando achavam que a competição estava equilibrada, interrompiam a luta. Cinco pelepas terminaram dessa forma. Os momentos realmente excitantes foram aqueles em que um dos homens foi ao chão, derrubado. O brado da multidão erguia-se até o céu e em todas as direções. Era ouvido até mesmo nas aldeias vizinhas.

A última luta foi entre os dois líderes dos times. Ambos estavam entre os melhores lutadores de todas as nove aldeias. A multidão se perguntava quem iria derrubar o outro este ano. Alguns diziam que Okafó era o melhor; outros, que não se comparava

a Ikezue. No ano anterior, nenhum dos dois lograra derrubar o adversário, apesar de os juízes terem permitido que a competição se alongasse por mais tempo do que o costumeiro. Ambos tinham o mesmo estilo e um adivinhava as intenções do outro antecipadamente. Este ano a situação poderia repetir-se.

O crepúsculo já se aproximava, quando começaram a lutar. Os tambores enlouqueceram e a assistência também. Ela agitou-se e avançou para a frente, quando os dois rapazes dançaram até ao centro. As folhas de palmeira já não faziam as pessoas recuar.

Ikezue estendeu a mão direita. Okafó apertou-a, e os dois começaram o rodeio que antecede a luta. Foi uma peleja feroz. Ikezue forcejava para enterrar o calcanhar direito por trás de Okafó, a fim de derrubá-lo, no hábil estilo *eye*. Mas este sabia o que o outro estava maquinando. A multidão rodeara e abafara os tocadores de tambor, cujo ritmo apressado não era mais apenas um som isolado, e sim a própria batida do coração do povo.

Os lutadores estavam agora quase imóveis, um agarrado ao outro. Os músculos de seus braços, de suas coxas e de suas costas mostravam-se em relevo e estremeciam. Parecia uma luta equilibrada. Os dois juízes já se adiantavam para separá-los, quando Ikezue, desesperado, dobrou subitamente o joelho, na tentativa de jogar o contendor ao alto, por cima de sua cabeça. Um triste erro de cálculo. Rápido como o raio de Amadiora, Okafó levantou a perna direita e passou-a por cima da cabeça do rival. A multidão explodiu em berros ensurdecedores. Okafó foi erguido do chão por seus partidários e carregado nos ombros para casa. Cantavam-lhe louvores, acompanhados pelo bater de palmas das moças:

*Quem lutará por nossa aldeia?*

*Okafó lutará por nossa aldeia.*

*Terá ele derrubado já mais de cem homens?  
Ele já derrubou uns quatrocentos homens.  
Derrubou ele já uma centena de Gatos?  
Ele já derrubou uns quatrocentos Gatos.  
Diga-lhe que venha então lutar por nós!*

## 7.

Durante três anos, Ikemefuna morou com a família de Okonkwo, e os velhos da tribo pareciam tê-lo esquecido. O garoto crescia rapidamente, repleto da seiva da vida, como as gavinhas de um pé de inhame durante a estação chuvosa. Deixara-se absorver por completo por seus novos familiares. Era como um irmão mais velho para Nwoye e, desde os primeiros dias de convívio, parecia ter acendido uma nova chama no menino mais moço. Fazia-o sentir-se crescido, e os dois já não passavam as tardes na cabana da mãe, a vê-la cozinhar, mas, em vez disso, sentavam-se junto a Okonkwo no interior do *obi*, ou lhe acompanhavam os movimentos quando ele saía para bater de leve na sua palmeira e fazer com que dela, por um corte previamente feito, descesse o vinho de palma que tomaria naquela noite. Agora, nada era mais grato a Nwoye do que ser chamado pela mãe ou por qualquer outra das mulheres de seu pai, a fim de executar uma daquelas difíceis tarefas caseiras, como, por exemplo, cortar lenha ou esmagar alimentos no pilão. E sempre que recebia incumbência semelhante, através de recado trazido por um de seus irmãos

ou irmãs, Nwoye simulava aborrecimento e resmungava em voz alta contra as mulheres e os problemas que elas causavam.

Okonkwo estava intimamente satisfeito com o desenvolvimento do filho e não ignorava a boa influência de Ikemefuna. Queria que Nwoye crescesse e se tornasse um rapaz vigoroso, capaz de chefiar a casa e a família depois que Okonkwo morresse e fosse juntar-se a seus antepassados. Queria que o filho se tornasse um homem próspero, cujo ceileiro contivesse o suficiente para alimentar os ancestrais com sacrifícios regulares. Por isso ficava contente quando o ouvia rabugento com as mulheres. Isso era sinal de que, futuramente, o filho seria capaz de controlar suas esposas, pois, por maior que fosse a prosperidade de um homem, se ele não demonstrasse ser capaz de dominar suas mulheres e seus filhos (principalmente suas mulheres), não era um homem de verdade. Era como o homem da canção — aquele que possuía dez mulheres mais uma, porém não tinha caldo suficiente para o seu *foo-foo*.

Okonkwo encorajava os meninos a se sentar a seu lado, no *obi*, e lhes contava histórias da terra — histórias masculinas de violência e sangue. Nwoye sabia que o certo era ser viril e violento, porém, apesar disso, ainda preferia os contos que sua mãe costumava narrar-lhe e que seguramente agora narrava aos filhos menores: histórias como as do jabuti cheio de astúcia, ou como a do pássaro *enke-nti-oba*, que desafiou o mundo inteiro numa competição de luta corporal e acabou sendo derrotado pelo gato. Lembrava-se da história, que sua mãe tantas vezes contara, da briga entre a Terra e o Céu, muito tempo atrás, e de como o Céu negou chuva durante sete anos, até que as plantas e todas se secaram e os mortos não mais puderam ser enterrados, porque as enxadas se partiam contra a Terra endurecida. Finalmente o Abutre foi enviado ao Céu, para suplicar-lhe perdão e amolecer-lhe

a alma com uma cantiga em que se falava dos sofrimentos dos homens. Sempre que a mãe de Nwoye entoava essa canção, ele sentia-se transportado até aquela cena distante, no Céu, onde o Abutre, emissário da Terra, cantava, a implorar misericórdia. Por fim, o Céu apiedou-se e entregou ao Abutre chuva enrolada em folhas de cará. Mas, à medida que ele voava de volta para casa, suas garras pontiagudas iam perfurando as folhas, e a chuva caiu, como nunca dantes. Caiu tão pesadamente que o Abutre não regressou à casa para transmitir a mensagem, voando para um lugar muito distante, onde divisara uma fogueira. Quando lá chegou, viu que um homem oferecia um animal em sacrifício. Aqueceu-se junto à fogueira e comeu as entranhas da vítima.

Era desse tipo de histórias que Nwoye gostava. Agora, contudo, ele sabia que eram fábulas para mulheres tolas e para crianças, e também sabia o que o pai esperava dele quando se tornasse um homem. Por isso, fazia de conta que já não se interessava por histórias de mulheres. E quando adotava essa atitude, via que o pai ficava satisfeito, e não mais o repreendia nem o espancava. E assim Nwoye e Ikemefuna ficavam escutando as histórias de Okonkwo sobre guerras tribais e sobre como, muito tempo atrás, ele havia tocado e subjugado uma vítima e conquistara sua primeira cabeça humana. E, enquanto Okonkwo lhes contava essas coisas do passado, permaneciam sentados no escuro ou diante da suave incandescência das achas de lenha, esperando que as mulheres terminassem de lhes preparar a comida. Quando terminavam, cada uma delas trazia para Okonkwo uma tigela de *foo-foo* e outra de sopa. Acendia-se uma lâmpada de azeite, Okonkwo provava um pouco do alimento de cada uma e dava depois duas porções para Nwoye e Ikemefuna.

Dessa maneira, as luas e as estações foram passando. E então vieram os gafanhotos. Isso não acontecia havia muitíssimos anos. Os velhos da tribo disseram que os gafanhotos apareciam

uma só vez em cada geração; reapareciam todos os anos durante sete anos seguidos e, depois, tornavam a sumir durante outra vida inteira. Voltavam para suas cavernas numa terra distante, onde eram guardados por uma raça de homens-anões. E então, passada uma geração, esses homens novamente abriam as cavernas e os gafanhotos retornavam a Umuófia.

Eles chegaram durante a fria estação do harmatã, após a safra já ter sido recolhida, e comeram toda a mata brava.

Okonkwo e os dois meninos estavam trabalhando nos muros vermelhos da parte externa do *compound*. Essa era uma das tarefas mais leves da estação que se seguia à colheita. Uma nova cobertura de espessas folhas de palmeira era colocada sobre os muros, para protegê-los da próxima estação das chuvas. Okonkwo trabalhava do lado de fora do muro e os dois meninos do lado de dentro. Havia pequenos orifícios escavados na parte superior da parede, e por eles Okonkwo passava a corda, ou *tie-tie*, aos rapazes, os quais, por sua vez, a atavam ao redor das escoras de madeira, devolvendo-a depois ao outro lado. Dessa maneira, a cobertura era firmemente fixada sobre o muro.

As mulheres tinham ido ao mato apanhar lenha. As crianças pequenas visitavam os amiguinhos nos *compounds* próximos. O harmatã soprava e parecia destilar no mundo uma preguiçosa sensação de sonolência. Okonkwo e os dois meninos trabalhavam em absoluto silêncio, quebrado apenas quando uma nova palma era jogada sobre o muro ou quando uma galinha irrequieta mexia nas folhas secas em sua incessante busca de alimento.

E foi então que, de súbito, uma sombra caiu sobre a terra e o sol pareceu esconder-se por trás de densa nuvem. Okonkwo levantou os olhos do trabalho, a perguntar-se se iria chover numa época do ano em que isso jamais acontecia. Mas quase imediatamente um grito de alegria irrompeu em todas as direções, e Umuófia, que cochilava durante as horas brumosas daquele início de tarde, abriu-se em vida e atividade.

— Os gafanhotos estão baixando! — era o cântico alegremente entoadado por toda a parte. Homens, mulheres e crianças abandonavam seus afazeres e suas brincadeiras e vinham todos para fora, a fim de assistir àquela cena tão rara. Os gafanhotos não apareciam havia muito, muito tempo e só os anciãos os tinham visto alguma vez.

O primeiro bando foi pequeno. Eram os arautos enviados para o reconhecimento da terra. Depois, apareceu no horizonte uma massa que se movia lentamente, semelhante a um infinito lençol de nuvem negra, levado pelo ar em direção a Umuófia. Em breve cobria a metade do céu e, agora, a sólida massa era apenas rompida por minúsculos pontos de luz, qual poeira de estrelas. Uma visão terrível, cheia de força e beleza.

Todos os moradores da aldeia estavam reunidos, falando excitadamente e rezando para que os gafanhotos acampassem em Umuófia durante a noite. Isso porque, embora os gafanhotos havia muitos anos não visitassem Umuófia, todos sabiam por instinto que eram gostosos de comer. Finalmente, os gafanhotos desceram. Instalaram-se em todas as árvores e em todas as lâminas de grama. Ocuparam os telhados e cobriram a terra nua. Grossos ramos de árvores quebraram-se sob o peso deles. E a aldeia inteira adquiriu a tonalidade terrosa e escura do vasto e esfomeado bando.

Muitas pessoas apareceram com cestos para apanhar os gafanhotos, mas os velhos da aldeia aconselharam paciência e lhes recomendaram que aguardassem o cair da noite. Tinham razão. Os insetos pousaram no mato durante a noite e suas asas ficaram molhadas de orvalho. Então, todos os moradores de Umuófia saíram de casa, apesar do frio harmatã, e encheram seus sacos e potes com gafanhotos. Na manhã seguinte, fritaram os insetos em caçarolas de barro, espalharam-nos ao sol e ali os deixaram, até ficarem bem secos e quebradiços. E durante muitos dias esse petisco raro foi comido com azeite de dendê.

Okonkwo estava sentado em seu *obi*, mastigando ruidosa e alegremente, em companhia de Ikemefuna e Nwoye, e bebendo copiosas doses de vinho de palma, quando Ogbuefi Ezeudu entrou. Ezeudu era o homem mais velho da aldeia de Umuófia. Fora um grande e valente guerreiro na juventude e agora gozava de enorme respeito na tribo inteira. Recusou-se a participar da refeição e pediu a Okonkwo que fosse com ele lá fora, pois desejava dizer-lhe algumas palavras a sós. Os dois saíram, a caminhar juntos, o velho apoiado num bastão. Quando se tinham distanciado o suficiente para não serem ouvidos, o velho dirigiu-se a Okonkwo, dizendo-lhe:

— Aquele garoto o considera como pai. Não seja cúmplice de sua morte.

Okonkwo ficou surpreso e estava a ponto de falar, quando o velho continuou:

— Sim, Umuófia decidiu que ele deve morrer. O Oráculo das Montanhas e das Cavernas pronunciou a sentença. O rapaz será levado para fora de Umuófia, tal como se costuma fazer, e lá o matarão. Mas não quero que você se envolva nisso de modo algum, porque o garoto o considera como pai.

Nas primeiras horas do dia seguinte, um grupo de anciãos proveniente das nove aldeias de Umuófia apareceu na casa de Okonkwo. Antes que começassem a falar, Nwoye e Ikemefuna foram mandados para fora. Os velhos não se demoraram muito, mas, depois que se foram, Okonkwo ficou sentado em silêncio durante longo tempo, com o queixo apoiado nas mãos. Mais tarde, chamou Ikemefuna e lhe disse que seria levado de volta à sua verdadeira casa no dia seguinte. Nwoye, que escutara a conversa por acaso, desatou em lágrimas, e, no mesmo instante, seu pai deu-lhe uma surra. Quanto a Ikemefuna, estava sem saber o que pensar. Sua verdadeira família tornara-se gradualmente uma lembrança muito vaga e distante. Ainda sentia saudades da

mãe e da irmã e ficaria bem satisfeito em revê-las. Mas algo lhe dizia que jamais tornaria a vê-las. Lembrava-se de certa ocasião em que alguns homens haviam conversado em voz baixa com seu pai; e agora parecia-lhe que aquilo tudo estava acontecendo novamente.

Mais tarde, Nwoye foi à cabana da mãe e contou-lhe que Ikemefuna se iria embora. No mesmo instante, ela deixou cair a mão de pilão que estivera usando para esmagar pimenta, cruzou os braços sobre o peito e suspirou:

— Pobre criança!

No dia seguinte, os mesmos homens regressaram com uma cabaça de vinho. Estavam de trajes completos, como se fossem assistir a uma importante reunião do clã ou visitar uma aldeia vizinha. Tinham seus panos passados por baixo da axila direita e a bolsa de pele de cabra e o facão pendurados no ombro esquerdo. Okonkwo preparou-se rapidamente e se puseram a caminhar, levando Ikemefuna, que carregava a cabaça de vinho. Um silêncio de morte baixou sobre o terreno de Okonkwo. Até mesmo as criancinhas pareciam saber. Durante o dia inteiro, Nwoye permaneceu sentado na choça da mãe, os olhos cheios de lágrimas.

No início da viagem, os homens de Umuófia falaram e riram, teceram comentários sobre os gafanhotos, sobre suas mulheres e sobre alguns sujeitos efeminados que se haviam recusado a acompanhá-los. À medida, porém, que se afastavam dos arredores de Umuófia, o silêncio caiu sobre eles também.

Lentamente, o sol elevava-se para o centro do céu, e da trilha seca e arenosa começou a emanar o calor que ali estivera enterrado. Alguns pássaros chilreavam nas matas ao redor. Os homens pisavam sobre as folhas secas do chão. Tudo o mais era silêncio. De repente, na distância, ouviu-se o vago bater do *ekwe*, o tambor de madeira. O som crescia e sumia com o vento — pacífica dança de uma aldeia distante.

— É a dança de ozo — comentaram os homens. Mas nenhum tinha certeza de onde o batuque provinha. Alguns disseram que de Ezimili, outros que de Abame ou de Aninta. Discutiram durante alguns instantes e voltaram a ficar silenciosos, enquanto o som da dança aumentava ou diminuía, conforme a direção do vento. Em algum lugar, um homem recebia um título do seu clã, com música, dança e grande festa.

A vereda tornara-se uma estreita linha no coração da mata. As árvores baixas e a vegetação rasteira que circundavam Umuófia começavam a desaparecer, cedendo lugar a árvores gigantes e a trepadeiras que talvez estivessem ali desde o começo do mundo, intocadas pelos machados e pelas queimadas. O sol, ao abrir caminho por entre folhas e galhos, projetava desenhos de luz e sombra sobre a senda arenosa.

Ikemefuna ouviu um murmúrio muito próximo às suas costas e voltou-se bruscamente. O homem que murmurara, falava agora em voz bem alta, incitando os demais a se apressarem.

— Ainda nos falta uma grande distância a vencer — disse. E então, ele e um outro homem puseram-se a andar à frente de Ikemefuna, estugando o passo.

Assim continuaram a caminhar os homens de Umuófia, armados de facões embainhados, e Ikemefuna, no meio deles, carregando na cabeça o vinho de palma. Embora a princípio se tivesse sentido inquieto, já nada mais receava. Okonkwo vinha atrás dele. Era-lhe quase impossível imaginar que Okonkwo não fosse seu verdadeiro pai. Nunca havia gostado muito do seu pai de verdade, cuja imagem, ao cabo desses três anos, se tornara muito distante. Mas sua mãe e sua irmãzinha de três anos... claro que ela agora já não teria apenas três anos, e sim seis. Será que ainda a reconheceria? Ela devia ter crescido um bocado. Pensava em como sua mãe haveria de chorar de alegria e agradecer a Okonkwo ter cuidado tão bem de seu filho e o ter trazido de

volta. Ela haveria de querer saber de tudo o que lhe acontecera durante todos aqueles anos. Será que ele iria lembrar-se de tudo? Falaria de Nwoye e de sua mãe, contaria o episódio dos gafanhotos... E, então, de repente, assaltou-lhe um pensamento. A mãe poderia estar morta. Em vão esforçou-se para afastar de sua mente esse pensamento. Depois procurou ajeitar as coisas da maneira como costumava fazer quando era pequeno. Ainda recordava a canção:

*Eze elina, elinal*

*Sala*

*Eze iikwa ya*

*Ikwaba akwa oligholi*

*Ebe Danda nechi eze*

*Ebe Uzuzu nete egwu*

*Sala\**

Cantava-a mentalmente e caminhava a seu ritmo. Se a canção terminasse com a batida do pé direito, a mãe estava viva. Se findasse com a do pé esquerdo, estava morta. Não, morta não, e sim doente. Terminou com o pé direito. Ela estava viva e bem de saúde. Entoou a canção novamente, e dessa vez acabou quando punha no chão o pé esquerdo. Mas a segunda vez não valia. O primeiro canto chega até Chukwu, ou a casa de Deus. Essa era uma crença favorita das crianças. Ikemefuna sentia-se novamente criança. Devia ser a ideia de voltar para casa, para junto de sua mãe.

Um dos homens que vinham atrás dele pigarreou. Ikemefuna olhou para trás e o homem rosnou-lhe raivosamente que

\* A canção recomenda ao chefe que não coma durante a cerimônia em que se recebe um título e em que se dança. (N. T.)



continuasse a andar e que não parasse para olhar para trás. A mãe, como ele falou, fez Ikemefuna sentir um calafrio de medo percorrer suas costas de alto a baixo. As mãos tremiam-lhe levemente sobre a cabaca escura que carregava. Por que Okonkwo tinha passado para a retaguarda? Ikemefuna sentia as pernas derreterem-se sob seu corpo. E tinha medo de olhar para trás.

Quando o homem que pigarreara se adiantou, erguendo o facão, Okonkwo virou o rosto para o outro lado. Ouviu o golpe. A cabaca caiu e partiu-se na areia. Escutou Ikemefuna gritar — Meu pai, eles me mataram! — enquanto corria na sua direção. Estonteado pelo medo, Okonkwo desembainhou seu facão e o abateu. Tinha ser considerado um fracasso.

Naquela noite, no preciso momento em que o pai entrou em casa, Nwoye soube que Ikemefuna tinha sido morto, e algo pareceu ceder dentro dele, como o estalido da corda de um arco retesado. Não chorou. Ficou parado, o corpo amolecido. Havia não muito tempo tivera a mesma espécie de sensação. Fora durante a época da colheita. Todas as crianças gostavam da época da colheita. Aquelas já suficientemente crescidas para carregar ainda que apenas uns poucos inhames numa pequenina cesta iam com os pais para o campo. E se não podiam ainda ajudar a desenterrar os inhames, eram capazes pelo menos de ajuntar a lenha que serviria para assar aqueles que iriam ser comidos ali mesmo, no campo. Esse inhame assado, encharcado de azeite de dendê e comido no campo aberto, era mais doce do que qualquer outro comido em casa. Fora depois de um dia como esse, no campo, durante a última colheita, que Nwoye sentira pela primeira vez um estalido dentro dele, como o de agora. Voltavam para casa com as cestas dos inhames desenterrados de uma roça distante, na outra margem do rio, quando ouviram uma criança

chorando na densa floresta. Fizera-se um súbito silêncio entre as mulheres que vinham a conversar, e elas apressaram o passo. Nwoye tinha ouvido contar que os gêmeos eram colocados em potes de barro e atirados bem longe, na floresta, mas nunca lhe acontecera encontrá-los no caminho. Um estranho arrepio desceu por seu corpo, e a cabeça parecia girar, como se ele fosse um caminhante solitário que, à noite, encontrasse um espírito mau na estrada. Depois, alguma coisa cedeu dentro dele. E a mesma sensação o dominou novamente, quando o pai entrou em casa, naquela noite, depois de matar Ikemefuna.

Após a morte de Ikemefuna, Okonkwo não provou alimemto algum durante dois dias. Bebia vinho de palma da manhã à noite e tinha os olhos injetados e ardentes, como os de um rato quando é agarrado pelo rabo e espatifado de encontro ao solo. Chamava o filho, Nwoye, para sentar-se junto a ele, em seu *obi*. Mas o garoto tinha medo do pai e, logo que o via cochilar, escapulia da cabana.

Okonkwo não dormia de noite. Procurava não pensar em Ikemefuna. Quanto mais, porém, se esforçava para isso, mais o menino não lhe saía da cabeça. Uma noite, levantou-se do leito e pôs-se a vagar pelo *compound*. Estava, contudo, num tal estado de fraqueza que as pernas mal o sustentavam. Sentia-se como um gigante bêbado tentando caminhar com as patas de um mosquito. De vez em quando, um arrepio gélido descia-lhe pela cabeça abaixo e se espalhava por seu corpo todo.

No terceiro dia, pediu à segunda mulher, Ekwefi, que lhe assasse algumas pacovas. Ela preparou-as do jeito que ele gostava — com fatias de peixe e feijão-manteiga.

— Há dois dias que o senhor não come — disse-lhe a filha, Ezinma, ao trazer a comida e colocá-la diante dele. — Por isso deve comer até ao fim.

A menina sentou-se com as pernas estendidas. Okonkwo principiou a comer, sem prestar atenção ao que fazia.

“Ela devia ter nascido menino”, pensou, contemplando a filha de dez anos. Passou-lhe um pedaço de peixe.

— Vá buscar um pouco de água fresca para mim — pediu. Ezinma, ainda a mastigar o peixe, saiu correndo da cabana. Logo depois voltou com uma cabaça de água fresca, tirada do pote de barro que havia na choça da mãe.

Okonkwo tomou-lhe a cabaça das mãos e bebeu a água sofregamente. Comeu mais alguns bocados de banana e empurrou a tigela para o lado.

— Traga aqui o meu saco — pediu, e Ezinma foi apanhar a bolsa de pele de cabra num canto afastado da cabana. O pai começou a apalpar o interior do saco, à procura de sua garrafa de rapé. O saco era bastante fundo, o que o obrigava a enfiar o braço quase inteiro dentro dele. Continha outras coisas além da garrafa de rapé. Continha um chifre de beber e uma cuia, e os dois objetos entrechocavam-se, enquanto ele remexia no saco. Quando conseguiu encontrar a garrafa, tirou-a do saco e bateu-a várias vezes, levemente, contra o joelho. Pôs um pouco de rapé na palma da mão esquerda, e lembrou-se de que não tinha tirado do saco a colher de rapé. Tornou a remexer no saco e dele retirou uma colher de marfim, pequena e achatada, com a qual levou o pó castanho às narinas.

Com uma das mãos Ezinma pegou a tigela de comida e com a outra a cumbuca vazia, e regressou à cabana da mãe. “Ela deveria ter nascido menino”, tornou a pensar Okonkwo. E, ao lembrar-se novamente de Ikemefuna, estremeceu. Se ao menos pudesse se ocupar com algum trabalho, talvez fosse capaz de

esquecer. Mas aquela era a estação do descanso, entre a colheita e o plantio. A única tarefa que os homens executavam naquela época do ano era recobrir os muros de seus *compounds* com novas folhas de palmeira. E isso ele já havia feito. Terminara esse serviço justamente no dia em que os gafanhotos apareceram, quando então trabalhara de um lado do muro, ajudado, do outro, por Ikemefuna e Nwoye.

— Desde quando você se transformou numa velha trêmula? — perguntava Okonkwo a si mesmo mentalmente. — Logo você, que é conhecido em todas as nove aldeias por sua coragem na guerra... Como é possível que uma pessoa que matou cinco homens no campo de batalha se desmorone só porque acrescentou um menino às suas vítimas? Okonkwo, decididamente você virou mulher.

De um salto, ficou de pé, pendurou o sacco de pele de cabra no ombro e saiu para visitar seu amigo Obierika.

Obierika estava sentado do lado de fora, à sombra de uma laranjeira, entretecendo palmas de ráfia. Os dois homens cumprimentaram-se e Obierika encaminhou-se para o seu *obi*, prestando o amigo, ao entrar.

— Pretendia ir visitá-lo assim que eu terminasse aquele trabalho de sapê — disse, sacudindo os grãos de areia que se tinham grudado às suas coxas.

— Tudo bem? — indagou Okonkwo.

— Tudo bem — respondeu Obierika. — O pretendente da minha filha virá aqui hoje, e espero que consigamos acertar o preço da noiva. Quero que você esteja presente.

Nesse preciso momento, o filho de Obierika, Maduka, entrou no *obi*, cumprimentou Okonkwo e fez menção de afastar-se.

— Venha dar-me um aperto de mão — disse Okonkwo ao rapaz. — O modo como você lutou, no outro dia, me deixou muito satisfeito.

O rapaz sorriu, apertou a mão de Okonkwo e saiu para o terreno.

— Este rapaz está fadado a grandes coisas — disse Okonkwo.

— Se eu tivesse um filho como o seu, estaria contente. Nwoye preocupa-me. Uma tigela de pião de inhame é capaz de derubá-lo em qualquer competição de luta livre. Os dois irmãos menores prometem mais. No entanto, asseguro-lhe, Obierika, que meus filhos não se parecem comigo. Onde os novos rebentos hão de crescer, quando a velha bananeira estiver morta? Se Ezinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz. Ela é quem possui o temperamento certo.

— Você se preocupa por nada — replicou Obierika. — As crianças ainda são muito pequenas.

— Nwoye já tem idade suficiente para fecundar uma mulher. Na idade dele, eu já sabia me defender sozinho. Não, meu amigo, o garoto não é mais tão criança. Pinto que um dia há de ser galo, a gente conhece assim que sai do ovo. Tenho feito o que posso para que Nwoye cresça e seja um homem de verdade, mas há muita coisa da mãe no temperamento do garoto.

“Muita coisa do avô”, pensou Obierika, sem dizer nada. O mesmo pensamento veio à mente de Okonkwo. No entanto, fazia muito tempo que aprendera a enterrar esse fantasma. Todas as vezes que a lembrança da fraqueza e do fracasso do pai vinha importuná-lo, conseguia afastá-la, procurando pensar em sua própria força e no seu êxito. E foi o que fez: dirigiu o pensamento a sua última demonstração de macheza.

— Não posso entender por que você se recusou a vir conosco matar aquele menino — disse a Obierika.

— Não tive vontade de ir — retrucou Obierika em tom cortante. — Tinha coisa melhor para fazer.

— Você fala como se questionasse a autoridade e a decisão do Oráculo, que determinou a morte do rapaz.

— Não questiono nada. Por que o faria? Mas o Oráculo não me pediu que eu pessoalmente executasse a sua decisão.

— Alguém tinha de executá-la. Se todos nós tivéssemos medo de sangue, nada teria acontecido. E o que é que você pensa que o Oráculo faria nesse caso?

— Você bem sabe, Okonkwo, que eu não tenho medo de sangue; e se alguém disser que tenho, estará mentindo. E deixe que lhe diga uma coisa, meu amigo: se eu fosse você, teria ficado em casa. O que você fez não vai deixar contente a Terra. Por causa de atos desse tipo, a deusa é capaz de destruir famílias inteiras.

— A Terra não pode punir-me por ter obedecido a um de seus mensageiros — objetou Okonkwo. — Os dedos de uma criança não se queimam com um pedaço de inhamme quente que a mãe coloca na palma de sua mão.

— Isso é verdade — concordou Obierika. — Se o Oráculo declarasse que um filho meu deveria ser morto, eu não discutiria a ordem, mas tampouco seria seu executor.

Os dois teriam continuado a discutir indefinidamente se, naquele instante, não tivesse entrado Ofoedu. Pelo brilho de seus olhos, era evidente que trazia notícias importantes. Seria, entretanto, pouco delicado apressá-lo. Obierika ofereceu-lhe um lóbulo da noz de cola que reparitira com Okonkwo. Ofoedu comeu-a lentamente e falou dos gafanhotos. Ao terminar seu pedaço de noz, disse:

— Ultimamente, coisas muito estranhas têm acontecido.

— O que foi que aconteceu? — indagou Okonkwo.

— Vocês conhecem Ogbuefi Ndulue? — perguntou Ofoedu.

— Claro. Ogbuefi Ndulue, da aldeia de Ire — responderam Okonkwo e Obierika ao mesmo tempo.

— Morreu esta manhã.

— Mas isso nada tem de estranho. Era o homem mais idoso de Ire — comentou Obierika.

— Tem razão — concordou Ofoedu. — Você, porém, devia perguntar por que o tambor não foi tocado para anunciar a Umuófia a morte de Ogbuefi.

— Por quê? — perguntaram ao mesmo tempo Obierika e Okonkwo.

— Essa é justamente a parte estranha do caso. Vocês conhecem a primeira mulher dele, aquela que anda com um bastão?

— Sim. Chama-se Ozoemena.

— Isso mesmo — concordou Ofoedu. — Ozoemena era, como sabem, velha demais para cuidar de Ndulue durante a doença dele. Foram as esposas mais jovens que se ocuparam do velho. Esta manhã, quando ele morreu, uma dessas mulheres foi à cabana de Ozoemena e contou-lhe o acontecido. A velha ergueu-se da esteira, pegou o bastão e encaminhou-se para o obi. Prostrou-se no umbral da porta e chamou pelo marido, que jazia numa esteira. “Ogbuefi Ndulue”, chamou a mulher três vezes, e em seguida voltou para a sua morada. Quando a esposa mais jovem foi chamá-la de novo, a fim de que estivesse presente na lavagem do corpo, encontrou-a deitada na esteira, morta.

— Realmente é muito estranho — afirmou Okonkwo. — Terão de adiar o funeral de Ndulue até a mulher ser enterrada.

— Por isso é que não se tocou o tambor para anunciar ao povo de Umuófia o ocorrido.

— Sempre ouvi dizer que Ndulue e Ozoemena eram muito unidos — comentou Obierika. — Eu me lembro que, quando eu era pequeno, havia uma canção que falava dos dois. Tudo que o marido fazia ele contava à mulher.

— Eu nunca soube disso — afirmou Okonkwo. — Sempre julguei que ele tivesse sido um homem forte na juventude.

— E realmente foi — disse Ofoedu.

Okonkwo abanou a cabeça, com ar de quem duvida.

— Era ele que, na época, chefiava o povo de Umuófia na guerra — rematou Obierika.

Pouco a pouco, Okonkwo voltou a sentir-se o mesmo homem de antes. Tudo de que necessitava era ter a mente ocupada. Se tivesse matado Ikemefuna durante as atarefadas estações do plantio e da colheita, as coisas não lhe teriam parecido tão más, pois sua mente estaria concentrada no trabalho. Okonkwo não era homem de pensamento, e sim de ação. E na falta de trabalho, conversar era o melhor remédio.

Logo depois que Ofoedu saiu, Okonkwo pegou o seu saco de pele de cabra e preparou-se para partir, dizendo:

— Preciso voltar para casa e tirar meu vinho de palma para hoje à noite.

— Quem é que sangra as árvores mais altas para você? — perguntou Obierika.

— Umezulike — respondeu Okonkwo.

— Há momentos em que eu desejaria nunca ter recebido o título de ozo — asseverou Obierika. — Sinto uma dor no coração quando vejo a rapaziada matando as palmeiras a pretexto de sangrá-las.

— Realmente, você tem razão — concordou Okonkwo. — Mas a lei da terra precisa ser obedecida.

— Não sei de onde fomos tirar semelhante lei — argumentou Obierika. — Em muitos outros clãs, não se proíbe os homens que possuem título de subir nas palmeiras. Aqui, dizemos que eles não podem subir nas árvores altas, mas podem sangrar as mais baixas, desde que o façam com os pés no chão. Isso me faz lembrar o caso de Dimaragana, que nunca emprestava sua faca para que se cortasse carne de cachorro, porque cachorro era

um tabu para ele, mas se oferecia para fazê-lo com os próprios dentes.

— Acho certo que em nosso clã se tenha o título de ozo em tão alta estima — replicou Okonkwo. — Nos outros clãs que você mencionou, esse título está tão por baixo que qualquer mendigo o recebe.

— Eu estava brincando — disse Obierika. — Em Abame e Aninta, o título vale menos de dois cauris. Qualquer um usa o cordão do título ao redor do tornozelo, e não o perde nem quando rouba.

— Essa gente, sem dívida nenhuma, conspurcou o título de ozo — acrescentou Okonkwo, levantando-se para partir.

— Meus futuros parentes devem chegar em breve — disse Obierika.

— Voltarei o mais depressa possível — prometeu Okonkwo olhando a posição do sol.

Quando Okonkwo regressou, havia sete homens na morada de Obierika. O pretendente era um jovem de uns vinte e cinco anos, e com ele estavam o pai e um tio. A família de Obierika fazia-se representar por seus dois irmãos mais velhos e por Maduka, o filho de dezessesis anos.

— Vá pedir à mãe de Akueke que nos mande algumas nozes de cola — ordenou Obierika ao filho. Maduka saiu como um raio na direção do terreiro. Imediatamente a conversa centralizou-se nele, todos concordando que o rapaz era afiado como uma navalha.

— Às vezes acho que é afiado demais — ponderou Obierika num tom mais ou menos indulgente. — Esse menino quase nunca anda. Está sempre correndo, com pressa. Se alguém o manda dar um recado, ele sai voando antes de ouvir a metade da mensagem!

— Você era muito parecido com seu filho — afirmou o irmão mais velho de Obierka. — Como diz nosso povo: quando a mãe-vaca está mascando grama, os filhotes ficam observando sua boca. Pelo visto, Manduka sempre esteve observando a sua boca.

Ainda não acabara de falar, e Manduka voltava, acompanhado por Akueke, sua meia-irmã, que trazia um prato de madeira com três nozes de cola e pimenta. Akueke entregou o prato ao tio mais velho e, depois, muito tímida, cumprimentou seu pretendente e os familiares dele com um aperto de mão. Tinha dezesseis anos, mais ou menos, e estava perfeitamente madura para o casamento. O pretendente e seus acompanhantes examinaram-lhe o corpo jovem com olhos experientes, como se quisessem assegurar-se de que era bela e amadurecida.

Akueke usava um penteado alto, que terminava numa espécie de crista no meio da cabeça. Haviam-lhe esfregado suavemente a pele com tintura de madeira e por todo o seu corpo havia desenhos escuros. Trazia ao pescoço um colar negro, que pendia em três voltas logo acima dos seios fartos e succulentos. Nos braços, usava braceletes vermelhos e amarelos e, acima dos quadris, quatro ou cinco fileiras de *jigida*, ou contas de cintura.

Quando acabou de apertar as mãos de todos, ou melhor, de estender-lhes a mão para que a apertassem, voltou à cabana da mãe, a fim de ajudá-la no preparo da comida.

— Antes de mais nada, tire sua *jigida* — disse-lhe a mãe em tom de advertência, quando Akueke se aproximou do fogo de lenha e colocou o pilão de encontro à parede. — Todos os dias repito-lhe que a *jigida* e o fogo não são amigos. Mas você nunca me dá ouvidos. Suas orelhas cresceram como adornos; não servem para escutar. Qualquer dia desses, a *jigida* pegará fogo em torno da sua cintura, e então você vai ver o que é bom...

Akueke encarninhou-se para o outro extremo da cabana e

começou a tirar as contas da cintura. Isso tinha de ser feito lenta e cuidadosamente, feira por feira, do contrário algum dos cordões se partiria e os mihares de minutos anéis teriam de ser reenfiados. Ela fazia rolar para baixo cada uma das feiras com as palmas das mãos, até conseguir passá-las pelos quadris, deixando-as depois cair no chão, ao redor dos pés.

No *obi*, os homens já tinham começado a beber o vinho de palma que o pretendente de Akueke trouxera. O vinho era de muito boa qualidade e bem forte, pois, apesar do coquinho no gargalo do vaso, destinado a reter a borbulhante bebida, a espuma branca transbordou e derramou-se toda.

— Este vinho foi colhido por um bom sangrador — comentou Okonkwo.

O jovem pretendente, cujo nome era Ibe, abriu um riso largo e falou para o pai:

— O senhor está ouvindo? — E continuou, dirigindo-se aos demais: — Meu pai jamais vai admitir que eu seja um bom sangrador.

— Ele sangrou tão bem três de minhas melhores palmeiras que as matou — respondeu o pai, Ukegbu.

— Isso aconteceu há cinco anos — disse Ibe, começando a servir o vinho —, antes que eu aprendesse a sangrar.

Encheu o primeiro chife e deu-o ao pai. Depois, serviu os outros. Okonkwo tirou seu grande chife de dentro do saco de pele de cabra, soprou nele, para remover qualquer poeira que pudesse estar depositada no interior, e entregou-o a Ibe, para que o enchesse.

Enquanto os homens bebiam, falavam de tudo, menos do assunto que ali os reunia. Foi somente depois de acabarem todo o vinho, que o pai do pretendente pigarreou, para clarear a voz, e anunciou o propósito da visita.

Em seguida, Obierka passou-lhe um pequeno feixe de varas. Ukegbu contou-as.

— São trinta? — perguntou.

Obierika fez um gesto de concordância com a cabeça.

— Por fim estamos chegando a algum lugar — disse Ukegbu, dirigindo-se logo depois para o irmão e o filho, aos quais acrescentou estas palavras: — Vamos lá fora trocar algumas ideias.

Quando regressaram, Ukegbu entregou o feixe de varetas de volta a Obierika. Este contou-as: em vez de trinta, havia agora apenas quinze. Passou-as ao irmão mais velho, Machi, que também as contou, comentando:

— Não pretendíamos por menos de trinta. Mas, como dizia o cachorro da parábola, “Se eu me jogar no chão para brincar com você e você fizer o mesmo, dá tudo certo”. O casamento deve ser uma brincadeira e não uma briga; é por isso que concordamos em baixar o preço.

Ao dizer isso, acrescentou dez varetas às quinze que já havia e devolveu o feixe a Ukegbu.

E assim o preço da noiva Akueke acabou por ser finalmente acertado em vinte bolsas de cauris. Já vinha caindo a noite, quando as duas famílias chegaram a um acordo.

— Vá dizer à mãe de Akueke que já terminamos — ordenou Obierika ao filho Maduka. Quase imediatamente depois, entrou a mulher com uma grande terrina de *foo-foo*. A segunda esposa de Obierika veio a seguir, com uma panela de sopa, e Maduka trouxe um pote de vinho de palma.

Enquanto os homens comiam e bebiam, conversavam sobre os costumes das aldeias vizinhas.

— Justamente hoje de manhã — disse Obierika — Okonkwo e eu estivemos falando de Abame e Aninta, onde mesmo os homens com um título sobem nas árvores e amassam o *foo-foo* para as mulheres.

— É verdade. Os costumes deles andam muito confusos. Por exemplo, eles não decidem o preço das noivas com varetas,

como nós. Rechinham e negociam como se estivessem comprando uma cabra ou uma vaca no mercado.

— Isso é muito malfeito — concordou o irmão mais velho de Obierika. — Mas acontece que uma coisa pode ser boa num lugar e ruim em outro. Em Umunso, não barganham de jeito nenhum, nem mesmo com varetas. O pretendente vai trazendo bolsas de cauris, uma depois da outra, até os parentes da noiva declararem que já basta. Esse é um mau costume, pois sempre provoca brigas.

— O mundo é grande — acrescentou Okonkwo. — Já ouvi contar até mesmo que, em algumas nações, os filhos de um homem pertencem à sua mulher e à família dela.

— Não pode ser — duvidou Machi. — Seria o mesmo que dizer que a mulher deve se deitar em cima do homem quando os dois estiverem fazendo filho.

— Ou, então, como aquela dos homens brancos que, segundo se diz, seriam tão brancos quanto este pedaço de giz — disse Obierika. E mostrou, na mão erguida, um pedaço de giz, o giz que todo homem costuma ter em seu *obi* para que os convidados desenhem com ele linhas no chão antes de comerem nozes de cola. — Dizem ainda — acrescentou — que esses homens brancos não têm os dedos do pé.

— Você já os viu alguma vez? — perguntou Machi.

— E você, já viu? — inquiriu Obierika.

— Um deles sempre passa por aqui — respondeu Machi.

— O nome dele é Amadi.

Todos os que conheciam Amadi caíram na risada. Amadi era um leproso, e a expressão polida para lepra era “pele branca”.

## 9.

Pela primeira vez em três noites, Okonkwo conseguiu dormir. Acordou de repente, durante a noite, e tornou a pensar no que havia acontecido nos três dias anteriores, sem se sentir inquieto. Perguntou a si mesmo qual a razão da inquietude que o havia tomado. Era como alguém que, em plena luz do dia, se espantasse de que o sonho lhe pudesse ter parecido tão terrível na noite anterior. Espreguiçou-se e coçou a coxa, onde um mosquito o picara enquanto dormia. Outro zumbia perto de sua orelha direita. Deu um tapa na orelha, com a esperança de conseguir matá-lo. Por que os mosquitos sempre atacavam as orelhas das pessoas? Quando era pequenino, a mãe lhe contara uma história sobre isso. Uma história tola, como todas as que contam as mulheres. — Certo dia, o Mosquito — contou a mãe — resolveu pedir a Orelha em casamento. Como única resposta, a Orelha rolara no chão, num riso incontrolável. — Quanto tempo mais você pensa que ainda vai ter de vida? — perguntou ao inseto. — Você já é um esqueleto. — O Mosquito foi-se embora, humilhado. E, desde então, sempre que passa perto da Orelha aproveita para dizer-lhe que ainda está vivo.

Okonkwo deixou-se de lado e dormiu novamente. De manhãzinha, acordou com alguém batendo à porta.

— Quem é? — grunhiu ele. Sabia que devia ser Ekwefi. De suas três mulheres, Ekwefi era a única que teria a audácia de vir bater à sua porta.

— Ezinma está morrendo — disse a mulher, e toda a tragédia e tristeza de sua vida estavam condensadas naquelas palavras.

Okonkwo pulou da cama, destrancou a porta e correu para dentro da cabana de Ekwefi.

Ezinma jazia a tremer em cima de uma esteira, perto do calor fortíssimo do fogo que a mãe mantivera aceso a noite inteira.

— É a *iba*, a malária — declarou Okonkwo. Pegou seu facão e saiu para o mato, a fim de apanhar as folhas, ervas e cascas de árvore que serviriam para o preparo da mezinha contra a *iba*.

Ekwefi ajoelhou-se ao lado da criança doente e, de vez em quando, colocava a palma da mão sobre sua testa úmida e escaldante.

Ezinma era sua única filha, o centro de seu mundo. Muitas vezes era Ezinma quem decidia que comida a mãe havia de preparar. Ekwefi costumava dar-lhe até mesmo certas guloseimas, como ovos, que as crianças raramente tinham licença de comer, por se tratar de um alimento que as incitava ao roubo. Certa vez, quando Ezinma comia um ovo, Okonkwo entrara inesperadamente. Ficou chocadíssimo e jurou dar uma surra em Ekwefi se ela ousasse voltar a dar ovos à filha. Mas era impossível recusar qualquer coisa que fosse a Ezinma. Depois da repreensão do pai, ela desenvolveu um apetite ainda mais aguçado por ovos. E, principalmente, sentia enorme prazer em ter de comê-los em segredo. A mãe costumava fazê-la entrar no quarto de dormir e fechar a porta.

Ezinma não chamava a mãe de *Nne*, mamãe, como as ou-



tras crianças. Chamava-a pelo nome, Ekweñ, tal como o faziam o pai e os demais adultos. As relações entre as duas não eram apenas as que geralmente existem entre mãe e filha. Havia algo naquele companheirismo que as unia como se tivessem a mesma idade, e esse sentimento era reforçado por pequeninas conspirações, tal como comerem ovos no quarto de dormir.

Ekweñ já sofrera muito na vida. Dez vezes tivera filhos e nove deles tinham morrido na primeira infância, quase todos antes dos três anos. À medida que enterrava um filho atrás do outro, sua dor ia sendo substituída pelo desespero e, mais tarde, por uma terrível resignação. O nascimento de um filho, que para qualquer mulher era a coroação de sua glória, para Ekweñ tornara-se simplesmente motivo de agonia física, destituída por completo de promessa. A cerimônia do nome, passadas sete semanas de mercado, tornara-se um ritual vazio. Seu desespero, cada vez mais profundo, encontrava válvula de escape nos nomes que dava aos filhos. Um deles fora um grito patético: Onwmbiko, isto é, "Mor-te, eu te imploro!". Mas a morte não prestou ouvidos à súplica e Onwmbiko morreu no décimo quinto mês de vida. A seguinte, uma menina — Ozoemena: "Que jamais isso venha a acontecer de novo" —, morreu no décimo primeiro mês, e mais dois se foram depois dela. Ekweñ, então, tornou-se desafiadora e chamou o próximo filho de Onwuma — "Que a Morte se satisfaça". E a Morte assim o fez.

Após o falecimento do segundo filho de Ekweñ, Okonkwo consultou um curandeiro, que era também um dos adivinhos do Oráculo de Afa. Queria saber a causa do sucedido. O homem disse-lhe que a criança era um *ogbanje*, isto é, uma dessas crianças perversas que, quando morrem, tomam a entrar no ventre materno para nascerem de novo.

— Quando sua mulher engravidar de novo — falou o curandeiro —, não a deixe por um momento dormir na casa que é

dela. Faça com que vá passar uns tempos em casa de parentes. Desse modo, ela conseguirá escapar às artes malvadas do *ogbanje*, e esse ciclo maldito de nascimento e morte se romperá.

Ekweñ cumpriu a ordem. Três logo tornou a engravidar, foi viver com sua velha mãe em outra aldeia. Lá deu à luz o terceiro filho, que foi circuncidado no oitavo dia após o nascimento. A mulher não voltou ao *compound* de Okonkwo senão três dias antes da cerimônia do nome. A criança chamou-se Onwmbiko.

Quando morreu, Onwmbiko não teve enterro apropriado. Okonkwo mandara chamar outro curandeiro, famoso no grupo por seus grandes conhecimentos em matéria de crianças-*ogbanjes*. Seu nome era Okagbue Uyanwa. Okagbue era uma figura impressionante, alto, de barba grande e calvo. A cor de sua pele era clara e os olhos, vermelhos e flamejantes. Tinha o costume de ri-lhar os dentes enquanto ouvia aqueles que iam consultá-lo. Fez algumas perguntas a Okonkwo sobre a criança morta. Todos os vizinhos e parentes que tinham vindo para acompanhar o enterro estavam reunidos ao redor dos dois homens.

— Em que dia de mercado ele nasceu? — indagou o curandeiro.

— Oye — replicou Okonkwo.

— Ele morreu esta manhã?

Okonkwo respondeu afirmativamente e só então percebeu que a criança havia morrido no mesmo dia de mercado em que nascera. Os vizinhos e parentes também notaram a coincidência e comentaram entre si que o fato era muito significativo.

— Onde é que o senhor costuma dormir com sua mulher em seu *obi* ou na casa dela? — perguntou o curandeiro.

— Na casa dela.

— No futuro, chame-a ao seu *obi*.

Em seguida, o curandeiro ordenou que não houvesse nenhuma espécie de cerimônia para o enterro da criança. Tirou

de dentro do saco de pele de cabra que pendia de seu ombro esquerdo uma afiada navalha e começou a mutilar a criança. Depois, levou-a para ser enterrada na Floresta Maldita, segurando-a por um dos tornozelos e arrastando-a atrás de si. Após semelhante tratamento, ela pensaria duas vezes antes de voltar de novo à vida, a menos que fosse um daqueles mutantes teimosos, que retornam com as marcas das mutilações — sem um dedo ou talvez com uma linha escura no local retalhado pela navalha do curandeiro.

Na época da morte de Onwmbiko, Ekweñ tornou-se uma mulher muito amarga. A primeira esposa de Okonkwo já tinha, àquela altura, três filhos, todos fortes e saudáveis. E quando ela acabou de ter esses três filhos, um depois do outro, Okonkwo abateu uma cabra em homenagem à mulher, como mandava a tradição. Ekweñ só desejava o bem dessa mulher. Mas, como era natural, tanta amargura lhe causava o próprio *chi*, que foi incapaz de participar da alegria dos demais. E no dia em que a mãe de Nwoye celebrou o nascimento dos três filhos, com festejos e música, Ekweñ foi a única pessoa, no meio daquele grupo alegre, a ter o tempo todo o semblante anuviado. A primeira mulher de Okonkwo levou a mal essa atitude, como costuma acontecer entre as esposas de um mesmo marido. Como poderia ela imaginar que a amargura de Ekweñ não se dirigia para fora, contra os outros, e sim para dentro, a entranhar-se em sua alma? E como poderia saber que Ekweñ não culpava os outros pela boa sorte que tinham, mas que apenas incriminava seu *chi* maligno por negar-lhe a fortuna que aos demais concedia?

Finalmente, nasceu Ezinma, que, embora enfermiça, parecia determinada a viver. A princípio, Ekweñ aceitou-a, como aceitara os outros filhos — com apática resignação. Quando viu, porém, que a menina continuava a viver, após ter feito quatro, cinco e seis anos, o amor retornou ao seu coração e, com ele,

também a ansiedade. Resolveu cuidar da filha até vê-la em perfeita saúde, e nessa tarefa pôs todo o seu ser. Era recompensada pelas pequenas temporadas de saúde de que Ezinma gozava, borbulhante de energia qual vinho novo de palma. Nessas ocasiões, Ezinma parecia estar fora de perigo. Mas, repentinamente, adoeceu outra vez. Todos sabiam que a menina era um *ogbanje*. Essas súbitas passagens da saúde para a enfermidade eram características dos *ogbanjes*. Vivera, contudo, já tanto tempo que talvez estivesse decidida a ficar. Pois em certas ocasiões os mutantes, cansados de suas perversas idas e vindas ou apiedados de suas mães, ficavam. Ekweñ acreditava intimamente que Ezinma vivera para ficar. E acreditava porque só isso dava à sua vida um significado. Essa fé fortificou-se quando, um ou dois anos antes, um curandeiro desenterrou o *iyi-uwá* de Ezinma. Então todos tiveram a certeza de que ela haveria de viver, pois rompera-se sua ligação com o mundo dos *ogbanjes*. Ekweñ tranquilizou-se. Mas tal era sua ansiedade pela filha, que não conseguia libertar-se por completo do medo. E, embora acreditasse que o *iyi-uwá* desenterrado era genuíno, não podia ignorar o fato de que algumas crianças verdadeiramente perversas algumas vezes induziam as pessoas a erro, levando-as a desenterrar um falso *iyi-uwá*.

O de Ezinma, contudo, parecia real. Era um seixo liso, enrolado num trapo sujo. O homem que o desenterrou foi o tal Okagbue, famoso no clã inteiro por sua sabedoria nesses assuntos. Ezinma, a princípio, não tinha querido colaborar com ele. Mas isso era de se esperar. Nenhum *ogbanje* confessa seus segredos assim tão facilmente; e a maioria deles não o faz nunca, porque morre cedo demais, antes que alguém lhes possa perguntar seja o que for.

— Onde você enterrou seu *iyi-uwá*? — Okagbue indagara à menina. Ela tinha então nove anos e acabara de recuperar-se de uma séria enfermidade.

— O que é *iyi-uwá?* — perguntara Ezinma.

— Você sabe muito bem o que é. Você o enterrou no chão, em algum lugar, com a intenção de morrer e poder voltar de novo para atormentar sua mãe.

Ezinma voltou-se para a mãe, cujos olhos, tristes e suplicantes, estavam postos nela.

— Responda à pergunta imediatamente — rugiu Okonkwo, de pé ao lado dela. A família toda se postara ali, e alguns dos vizinhos também.

— Deixem a menina comigo — disse o curandeiro a Okonkwo em tom moderado e confiante. E voltando-se de novo para Ezinma, repetiu: — Onde foi que você enterrou seu *iyi-uwá?*!

— Onde se enterram as crianças — retrucou ela, fazendo com que um murmúrio percorresse os espectadores, até então silenciosos.

— Então venha comigo e mostre-me o lugar — disse o curandeiro.

A multidão começou a caminhar, com Ezinma à frente, seguida de perto por Okagbue. Okonkwo vinha logo atrás e Ekweñi o acompanhava. Ao chegarem à estrada principal, Ezinma virou para a esquerda, como se fosse na direção do rio.

— Mas você não disse que era onde se enterram as crianças? — interpelou-a o curandeiro.

— Não — tornou Ezinma, cuja sensação de importância se manifestava em seu modo animado de andar. Às vezes, principiava a correr e, de repente, voltava a parar. A multidão a acompanhava em silêncio. Mulheres e crianças que regressavam do rio com bilhas d'água na cabeça olhavam, tentando descobrir o que acontecera, até que viam Okagbue e imaginavam logo tratar-se de algo relacionado com *ogbanies*. Todos conheciam bem Ekweñi e a filha.

Ao chegar perto da grande árvore *udala*, Ezinma virou à esquerda, na direção da mata, seguida pela multidão. Graças à sua pequena estatura, abria caminho através do arvoredo e das trepadeiras com muito maior rapidez do que o resto do grupo. O mato parecia vivo com o caminhar de pés sobre as folhas secas e os gravetos, e com o afastar de ramos das árvores. Ezinma entrava cada vez mais dentro da floresta, com os acompanhantes sempre atrás dela. Então, subitamente, deu meia-volta e começou a andar de novo em direção à estrada. Todos pararam, a fim de deixá-la passar, e depois continuaram andando, em fila, atrás da menina.

— Se você nos fez caminhar toda essa distância à toa, levará uma surra para criar juízo — ameaçou Okonkwo.

— Já falei para deixá-la em paz. Sei como lidar com elas — disse Okagbue.

Ezinma continuou à frente dos outros até a estrada, olhou para a esquerda e para a direita, e virou à direita. E assim chegaram novamente à sua casa.

— Onde você enterrou seu *iyi-uwá?* — tornou a indagar Okagbue, quando finalmente Ezinma parou diante do *obi* do pai. A voz de Okagbue permanecia inalterada. Sempre tranquila e confiante.

— Perto daquela laranjeira — respondeu Ezinma.

— E por que você não disse isso antes, sua malvada filha de Akalogoli? — explodiu Okonkwo, furioso. O curandeiro ignorou-o.

— Venha mostrar-me o local exato — pediu calmamente à menina.

— Aqui — declarou ela ao chegarem ao pé da árvore.

— Aponte o lugar com o dedo — solicitou Okagbue.

— Aqui — disse ela, tocando o chão com o dedo. Okonkwo, ao lado, parecia um trovão na estação das chuvas.

— Tragam-me uma enxada — ordenou Okagbue. Quando

Ekweñ lhe trouxe a enxada, ele já pusera de lado seu saco de pele de cabra e seu grande pano, e ficara apenas com as roupas de baixo — uma longa e estreita tira de fazenda enrolada em volta da cintura, como uma faixa, e depois passada entre as pernas, para ir prender-se atrás, por baixo da cinta. Começou imediatamente a trabalhar, cavando um buraco no lugar indicado por Ezinna. Os vizinhos sentaram-se em volta, observando o buraco cada mais fundo. Dentro em pouco, a camada de solo escura desapareceu, cedendo lugar a uma terra vermelho-vivo, a mesma que as mulheres costumam usar para esfregar o piso e as paredes das cabanas. Okagbue trabalhava incansavelmente e em silêncio, com o dorso rebrilhando de suor. Okonkwo não se afastava de junto da cova. Pediu a Okagbue que parasse de cavar, para descansar um pouco, e ofereceu-se para substituí-lo. Mas Okagbue respondeu que ainda não estava cansado.

Ekweñ foi para a sua morada cozinhar inhames. O marido tirara do celeiro uma quantidade de inhames maior do que a habitual, pois teriam de alimentar o curandeiro. Ezinna acomodou-a, para ajudá-la na preparação dos legumes.

— Acho que há folhas demais — disse a menina.

— Você não está vendo que a panela está cheia de inhames? — Ekweñ perguntou. — Você sabe muito bem que, depois de cozidas, as folhas diminuem muito.

— É verdade — concordou Ezinna. — Foi por isso que o calango matou a própria mãe.

— Foi mesmo — concordou Ekweñ.

— Ele entregou à mãe sete cestas de verduras para cozinhar e, no fim, só havia três. Por isso ele a matou.

— Porém esse não é o fim da história — disse a mãe.

— Ah, é verdade! — disse Ezinna. — Agora estou me lembrando. O calango trouxe de novo sete cestas de verduras e resolveu cozinhá-las ele próprio. E novamente restaram apenas três. Ele, então, suicidou-se.

Lá fora, junto ao *obi*, Okagbue e Okonkwo continuavam a cavar o buraco, em busca do *iyi-uwa* enterrado por Ezinna. E os vizinhos continuavam sentados em volta, olhando. A cova estava tão funda que já não se podia ver o cavador. Viam apenas a terra vermelha que ele jogava para fora e que ali ia se amontoando, cada vez mais alta. Nwoye, o filho de Okonkwo, parara bem à beira do buraco porque queria ver tudo o que se passava lá dentro.

Agora, era Okagbue quem cavava, depois de Okonkwo tê-lo feito. Trabalhava, como sempre, em silêncio. Os vizinhos e as mulheres de Okonkwo tinham começado a conversar. As crianças haviam perdido o interesse inicial e brincavam.

Subitamente, Okagbue saltou para fora com a agilidade de um leopardo.

— Está muito perto agora. Já toquei nele.

Houve uma imediata excitação geral, e aqueles que estavam sentados levantaram-se de um salto.

— Vá chamar sua mulher e sua filha — disse o curandeiro a Okonkwo. Entretanto, Ekweñ e Ezinna tinham ouvido o barulho e saído, para verem de perto do que se tratava.

Okagbue voltou para dentro do buraco, que estava rodeado de espectadores. Depois de mais algumas pazadas de terra, encontrou o *iyi-uwa*. Suspendeu-o cuidadosamente com a enxada, jogando-o no chão. Algumas mulheres correram de medo quando o objeto foi atirado. Porém logo voltaram e todas olhavam fixamente para o trapo, de uma distância razoável. Okagbue emergiu da cova e, sem dizer uma palavra ou sequer olhar para os espectadores, caminhou até o local onde deixara sua bolsa de pele de cabra, retirou de dentro dela duas folhas e começou a mastigá-las. \* Quando acabou de engoli-las, pegou no trapo com

\* De acordo com a lógica africana, o ato de desenterrar o *iyi-uwa* diminuiria a força vital, daí comer-se folhas que detêm essa força. (N. T.)

a mão esquerda e pôs-se a desamarrá-lo. E foi então que o liso e brilhante seixo caiu ao chão. Ele o apanhou.

— Isto é seu? — perguntou a Ezinma.

— É — respondeu ela. E todas as mulheres gritaram de júbilo, pois finalmente os problemas de Ekwefi haviam terminado.

Tudo isso acontecera há mais de um ano e, durante todo esse tempo, Ezinma não tornara a adoecer. E então, repentinamente, começara a tremer durante a noite. Ekwefi trouxe-a para perto do fogo, estendeu sua esteira no solo e acendeu o fogo. Mas a menina piorava cada vez mais. Ajoelhada ao lado da filha, apalmando-lhe a fronte úmida e escaldante, ela rezara milhares de vezes. E embora as outras mulheres de Okonkwo dissessem que aquilo não era senão a *ibá*, não lhes deu ouvidos.

Okonkwo voltou do mato carregando no ombro esquerdo um grande feixe de ervas e folhas, raízes e cascas de árvores medicinais. Entrou na cabana de Ekwefi, colocou no chão sua carga e sentou-se.

— Arranje-me uma panela — disse ele — e deixe a criança sossegada.

Ekwefi foi buscar a panela e Okonkwo escolheu as coisas melhores que havia no feixe, nas proporções certas, e cortou-as. Depois, colocou-as na panela e Ekwefi juntou um pouco d'água.

— Basta? — perguntou ela, quando havia derramado mais ou menos a metade da água que havia no recipiente.

— Mais um pouco... Eu disse um pouco, você é surda? — rugiu Okonkwo.

Ela colocou a panela no fogo e Okonkwo pegou o facão, preparando-se para voltar a seu *obi*.

— Você precisa tomar muito cuidado com a panela — recomendou, antes de sair —, e não deixe que ela transborde ao ferver. Se isso acontecer, todo o poder da mistura desaparecerá. Saiu em direção à sua cabana, e Ekwefi começou a cuidar da panela da mezinha, quase como se esta fosse uma criança doente. Seus olhos fixavam sucessivamente Ezinma e a panela, indo de uma para a outra, sem parar um só instante.

Okonkwo regressou, quando imaginou que o remédio já cozinhará o suficiente. Examinou-o e declarou que estava pronto.

— Traga um banco para Ezinma — ordenou — e uma esteira grossa.

Retirou a panela do fogo, colocando-a em frente ao banco. Depois, fez com que a filha se sentasse nele, de pernas abertas por cima da panela fumegante, e a cobriu completamente com a esteira. Ezinma debateu-se, tentando escapar do vapor forte e sufocante, mas seguraram-na naquela posição. Começou a chorar.

Quando, por fim, a esteira foi removida, a menina estava alagada de suor. Ekwefi enxugou-a com um pedaço de pano e deitou-a numa esteira seca. Ezinma, logo em seguida, adormeceu.